

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 9, número 2 (2018)
ISSN: 2177-2886

Artigo
Les-Online

Construindo Pertencas: As Políticas de Criação de Espacialidades Lésbicas na Cidade do Cabo

*Construyendo Pertenencias: Las Políticas de
Creación de Espacialidades Lésbicas en la
Ciudad del Cabo*

*Constructions of Home: The Politics of Lesbian
World Making in Cape Town*

Susan Holland-Muter

University of Cape Town – África do Sul
shollandmuter@gmail.com

Como citar este artigo:

HOLLAND-MUTER, Susan. Construindo Pertencas:
As Políticas de Criação de Espacialidades Lésbicas na
Cidade do Cabo. **Revista Latino Americana de
Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 44-90, 2018. ISSN
2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Construindo Pertencas: As Políticas de Criação de Espacialidades Lésbicas na Cidade do Cabo

Construyendo Pertencencias: Las Políticas de Creación de Espacialidades Lésbicas en la Ciudad del Cabo

Constructions of Home: The Politics of Lesbian World Making in Cape Town

Resumo

Duas narrativas dominantes e contrastantes passaram a caracterizar o discurso público sobre as sexualidades *queer* na Cidade do Cabo. A Cidade do Cabo é frequentemente apontada como a capital gay da África do Sul, enquanto, simultaneamente, "a lésbica negra" é tornada visível através de um discurso de discriminação, violência e morte. Este artigo explora as narrativas de mulheres lésbicas, *queer* e homossexuais sobre o cotidiano das suas vidas na Cidade do Cabo. Com base em 23 entrevistas semiestruturadas e dois grupos focais, as contra narrativas das participantes revelam como elas "constroem" a sua pertença à Cidade do Cabo em relação às heteronormatividades racializadas e de classe. As suas produções de pertença simbólica são entendidas através de lesbianismo incorporado, homonormatividade e fronteiras. As suas casas são entendidas como locais de identidade, construção de comunidades e de pertença; assim como locais de educação política e de consumo público, expandindo o significado de lar para "lugar de pertença". Os mundos de vida lésbica *queer* são efêmeros, contingentes e fraturados, tornando visíveis as narrativas híbridas, contrastantes e concorrentes da cidade.

Palavras-Chave: Construção de um Mundo *Queer* Lésbico; Contra Narrativas; Subjetividades Lésbicas; Espaços de Pertença Lésbica.

Resumen

Dos narrativas dominantes y contrastantes pasaron a caracterizar el discurso público sobre las sexualidades *queer* en la Ciudad del Cabo. La Ciudad del Cabo es frecuentemente apuntada como capital gay de África del Sur, mientras, simultáneamente, "la lésbica negra" se vuelve visible a través de un discurso de discriminación, violencia y muerte. Este artículo desarrolla las narrativas de mujeres lésbicas, *queer* y homosexuales sobre el cotidiano de sus vidas en la Ciudad del Cabo. Con base en la realización de 23 entrevistas semiestructuradas y dos grupos focales, las contra narrativas de las participantes revelan como ellas "construyen" su pertenencia a la Ciudad del Cabo en relación a las heteronormatividades racializadas y de clase. Sus producciones de pertenencia son entendidas a través de lesbianismo incorporado, homonormatividad y fronteras. Sus casas son entendidas como locales de identidad, construcción de comunidades y de pertenencia; así como locales de educación política y de consumo público, expandiendo el significado de hogar para "lugar de pertenencia". Los mundos de la vida lésbica *queer* son efímeros, constituyentes y fracturados, volviendo visibles las narrativas híbridas, contrastantes y concurrentes de la ciudad.

Palabras-Clave: Construcción de un Mundo *Queer* Lésbico; Contra Narrativa; Subjetividades Lésbicas; Espacio de Pertenencia Lésbica.

Susan Holland-Muter



Abstract

Two dominant, contrasting, narratives have come to characterise public discourse on queer sexualities in Cape Town. Cape Town is often touted as the gay capital of South Africa, while simultaneously, ‘the black lesbian’ is brought into view through a discourse of discrimination, violence and death. This article explores lesbian, queer and gay women’s narratives of their everyday lives in Cape Town. Based on 23 semi-structured in-depth interviews and two focus groups, the participants’ counter narratives reveal how they ‘make’ Cape Town home in relation to racialized and classed heteronormativities. Their productions of symbolic home are read through the modes of embedded lesbianism; homonormativity and borderlands. Their material homes are constructed as sites of identity, community building and belonging; and as sites of political education and public consumption, which stretches their meanings of home to ‘homeplace’. Lesbian queer life worlds are ephemeral, contingent and fractured, making known hybrid, contrasting and competing narratives of the city.

Keywords: Lesbian queer world making; counter narratives; lesbian subjectivities; lesbian home making; homeplace.

Introdução

A Cidade do Cabo tem sido frequentemente representada como a capital gay da África do Sul, a casa de lésbicas, gays, comunidades bissexuais, trans gêneros e inter-sexos (LGBTI) do país e até do continente africano (ELDER, 2004; RINK, 2013; TUCKER, 2009a; VISSER, 2003; 2010). Historicamente vista como uma cidade liberal em relação à sexualidade (CHETTY, 1994; GEVISSER & CAMERON, 1994; LEAP, 2005), essa noção tem sido fortalecida e ativamente promovida desde o advento da ordem democrática de 1994 (LEAP, 2005; TUCKER, 2009a). O marketing da Cidade do Cabo nesse sentido se constrói com base nos direitos sexuais e de gênero, consagrados na Lei dos Direitos na ‘nova’ Constituição sul africana de 1996. Apontada como a ‘nação arco-íris’, o novo marketing sul africano se baseou em um “nacionalismo arco-íris” (MUNRO, 2012, p. xxx) no qual os direitos LGBTI tornaram-se um sinal dos valores democráticos da nova nação – um símbolo da modernidade democrática sul africana.

Ao mesmo tempo, os analistas argumentam que “a lésbica negra” na África do Sul contemporânea é trazida à tona através de discursos de discriminação, violência e morte (DE ROBILLARD, 2016; JUDGE, 2015; MATEBENI, 2014; LEWIS, 2011). Tal discurso se apoia e é amplificado pela propagação de crenças de que sexualidades do mesmo sexo e não conformidade de gênero são não-africanos, contra a natureza e contra a religião (DLAMINI, 2006; GUNKEL, 2010; SANGER & CLOWES, 2006). Dessa forma, a figura das lésbicas negras torna-se “representada como uma vítima traumatizada” dentro do simbolismo nacional (DE ROBILLARD, 2016: 21). Tal hipervisibilidade e espetacularização da violência promovida contra as lésbicas negras tem o efeito de promover uma associação do desejo lésbico negro com o perigo, a vitimização e a morte. Ao fazê-lo, as dimensões completas das subjetividades incorporadas das lésbicas negras tornam-se invisíveis (BOONZAIER & ZWAY, 2015; JUDGE, 2015; MATEBENI, 2013b; 2014; MORRISSEY, 2013; SWARR, 2012).

Como esperado, esses dois discursos contrastantes da Cidade do Cabo têm racializado fortemente as dimensões espaciais. Já é um argumento muito bem debatido que a habilidade de exercer uma sexualidade livre de estigmas, discriminação e violência é experimentada de uma forma desigual pela Cidade do Cabo. Imaginários comumente sustentados posicionam os subúrbios bem servidos, de posses e historicamente brancos do centro da cidade, e dos subúrbios ao sul e norte como sendo mais tolerantes e acolhedores da diversidade sexual e de gênero. Por outro lado, as comunidades periféricas com menos recursos e serviços, distritos e comunidades informais dos planos do Cabo (Cape Flats em inglês) tornaram-se sinônimos de discriminação, violência e crimes de ódio no imaginário público (JUDGE, 2015; LEAP, 2005; SALO ET AL, 2010; SANGER, 2013). Tal imaginário dominante é frequentemente representado através do binário espacial racializado das zonas negras de perigo e violência e das zonas brancas de segurança e tolerância (JUDGE, 2015). Todas as outras formas em que as lésbicas ocupam e habitam a cidade são invisibilizadas.

Esses discursos e normatividades dominantes influenciam e informam como as lésbicas vivem suas vidas. Entretanto, torna-se claro que existe uma total disparidade entre a representação popular da Cidade do Cabo como uma capital gay e acolhedora das comunidades LGBTI e a realidade diária da maioria das comunidades LGBTI que vivem lá. Essa disparidade está localizada nas percepções e experiências das comunidades da classe trabalhadora lésbica e negra da Cidade do Cabo (TUCKER, 2009a). Da mesma forma, um foco único na violação e opressão lésbica (negra) trazendo à tona como elas morrem em vez de como vivem, nega e invisibiliza sua agência, suas experiências de amor e desejo e a existência da solidariedade e aceitação dentro de suas comunidades (BOONZAIER & ZWAY, 2015; HOLLAND-MUTER, 2013; MATEBENI, 2013a; MORRISSEY, 2013; SWARR, 2012; MOREAU, 2013).

Diante dessas narrativas e representações contrastantes da Cidade do Cabo, este artigo pergunta como as lésbicas criam um espaço/uma pertença para si mesmas na Cidade do Cabo? Mais especificamente, explora como as lésbicas constroem e produzem pertença no nível simbólico, e também discute que papel suas casas materiais têm nas construções de seus mundos de vida *queer*.

O artigo se baseia em uma parte do meu estudo de doutorado (HOLLAND-MUTER, 2018) que investigou os diferentes modos e sentidos de construção do mundo *queer* (BERLANT & WARNER, 1998) por lésbicas na Cidade do Cabo. Eu o desenvolvi explorando as diferentes formas nas quais mulheres¹ auto-identificadas como *queer*, lésbicas ou gays de uma variedade de posições de raça e classe, experienciavam as normatividades nos espaços cotidianos (diurnos e noturnos) na Cidade do Cabo. Solicitei que as participantes desenhassem uma representação de seus 'mundos', os espaços e locais que elas

1 O convite para participar do estudo previa a participação de mulheres (que aqui eu escreveria como womxn [mulheres independentemente do sexo]) que estavam envolvidas em relações sexuais/emocionais com outras mulheres. Isso não especificava que a pessoa devia se auto-identificar ou chamar-se lésbica. Algumas mulheres trans cis não se auto-identificavam como lésbicas, mas como *queer*. Outras preferiam auto-denominar-se *mulheres gays*. Algumas se denominavam lésbicas. Por essa razão, eu utilizei todos os rótulos auto-utilizados pelas participantes.

habitavam ou experienciavam suas vidas diárias na Cidade do Cabo. Isso geralmente incluía representações das casas das participantes, onde elas trabalhavam/estudavam/conseguiram dinheiro, locais de lazer e esporte, espaços e locais religiosos, hospitais e locais de acesso à saúde, e seus principais meios e/ou rotas de transporte. Algumas das paisagens da cidade eram completamente simbólicas e não tomavam a forma de mapas cartográficos. As participantes foram convidadas a falar de suas paisagens urbanas subjetivas sem interrupção, incluindo suas percepções e experiências diárias. Uma discussão interativa entre participante e pesquisadora então se seguiu, fornecendo a oportunidade de esclarecimento, aprofundamento e exploração dos temas e questões-chave.

Esse tipo de entrevista semiestruturada em profundidade foi conduzida com 23 pessoas que se identificaram lésbicas, mulheres gay e pessoas *queer*. A faixa etária das participantes variou entre 23 e 63 anos de idade. Elas eram racialmente diferentes, identificando-se como negras, coloridas, pessoas de cor, brancas e humanas. Em sua maioria eram de classe média ou média baixa, com duas classes trabalhadoras participantes. Elas pertenciam a uma variedade de afiliações religiosas incluindo cristã, muçulmana, judia, religiões africanas tradicionais e ateísmo. Elas viviam em distritos historicamente designados como negros ou coloridos e guetos situados nos planos do Cabo,² e historicamente designados pelos brancos como subúrbios sul e norte da Cidade do Cabo.³ Havia três nacionalidades estrangeiras da Angola, Zimbábwe e Coréia do Sul.

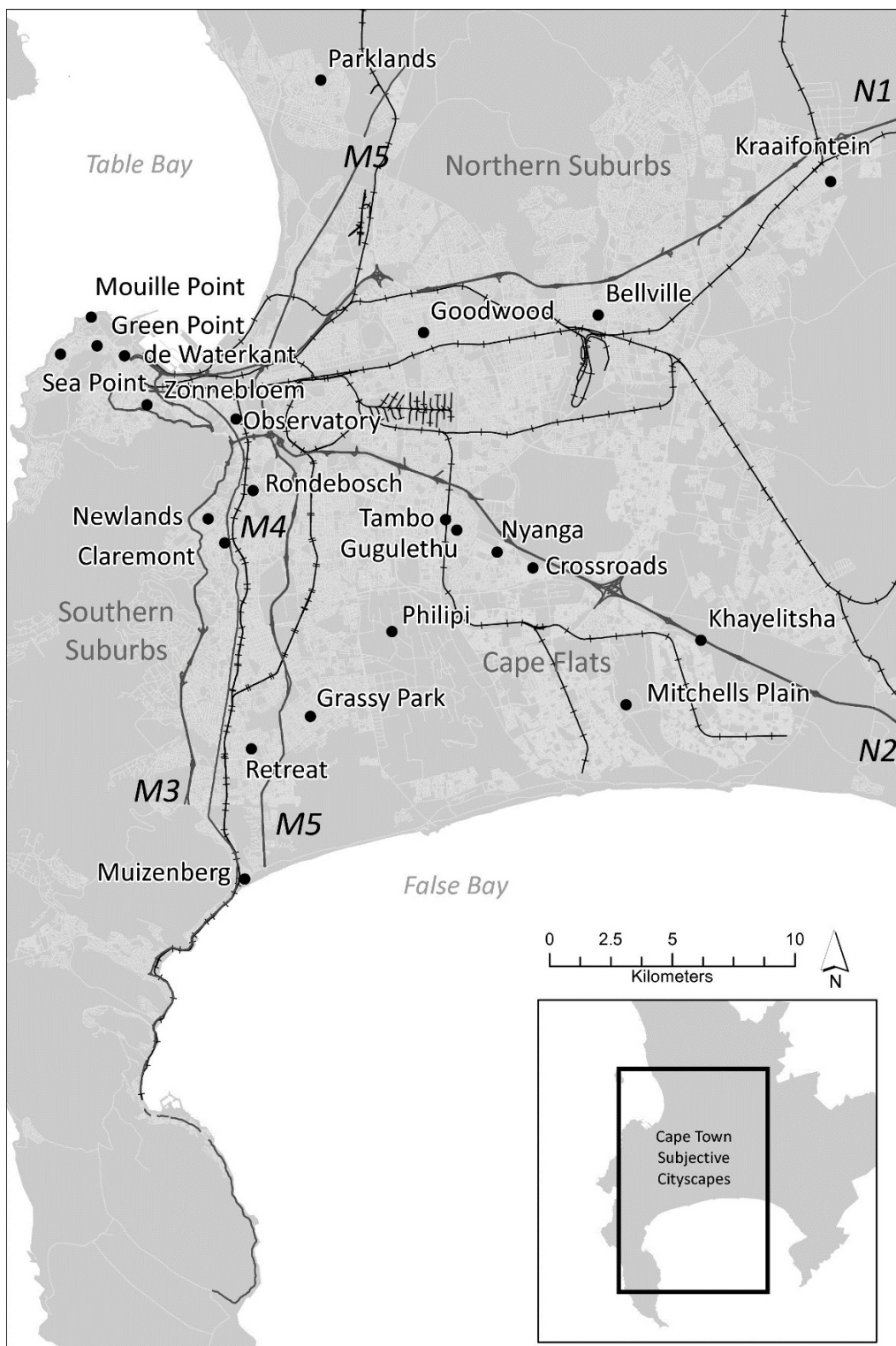
Uma participante convivia com o HIV e uma participante usava uma cadeira de rodas para se movimentar. Oito participantes eram mães, duas das quais conceberam seus filhos quando já estavam em relacionamentos lésbicos.

2 Os planos do Cabo são constituídos pelas áreas Leste dos subúrbios Norte e Sul da Cidade do Cabo e é feito de distritos e favelas (alguns deles são Nyanga, Langa, Khayelitsha, Gugulethu) historicamente criados e designados à população africana negra, e os guetos para pessoas de cor (alguns desses são Mitchell's Plain, Bishop Lavis, Lavender Hill). Situados na periferia da Cidade do Cabo, variando de 15 – 30 km do centro da cidade, é uma área de terra plana, arenosa e sem árvores. A partir dos anos 1950, a maioria das pessoas negras e de cor eram forçadas a se mudar do centro da cidade e dos subúrbios sul/norte após esses lugares terem sido declarados para 'brancos apenas'. Também é a área na qual a maioria do trabalho imigrante foi abrigado (<http://www.sahistory.org.za/places/cape-flats>). As pessoas moram em casas pequenas, superlotadas ou barracos nos distritos, e também em grandes prédios de apartamentos nos antigos guetos destinados a pessoas de cor. Os planos do Cabo são superlotados, com poucos recursos e serviços do estado. Eles são áreas de alta densidade, com altos níveis de criminalidade, gangues e violência.

3 Os 'subúrbios do sul' se estendem para o sul do centro da cidade e ao longo do lado leste das montanhas em direção a Muizenberg: tais bairros incluem Woodstock, Salt Rock, Observatory, Rondebosch, Newlands e Claremont. Durante o Apartheid, esses eram considerados área residencial branca. Woodstock, Salt River e Observatory são subúrbios mais racialmente mistos. O Observatory abriga estudantes e uma população alternativa relativamente grande de artistas e boêmios. Rondebosch também acomoda muitos estudantes, e é o local da Universidade da Cidade do Cabo, uma instituição de educação superior previamente destinada aos brancos. Os subúrbios do sul contam com serviço de uma linha férrea que vai do centro da cidade a cidade de Simon, ao sul de Muizenberg. Esses são bairros predominantemente falantes de inglês. Ao norte dos planos estão os subúrbios norte (historicamente designado aos brancos – Bellville, Goodwood, Durbanville). Esses eram predominantemente comunidades de língua Africana. Essas áreas mudaram sua composição racial e de classe com o passar do tempo e não são mais apenas brancas (LEAP, 2005: 239 - 240).

Construindo Pertencas: As Políticas de Criação de Espacialidades Lésbicas na Cidade do Cabo

Figura 1.



Dois grupos focais foram conduzidos com lésbicas africanas negras que viviam em diferentes distritos na Cidade do Cabo. Esses eram fóruns importantes uma vez que são as lésbicas negras que são discursivamente enquadradas como vítimas de violência e discriminação dentro dos espaços dos distritos, que são reconhecidos como espaços de perigo dentro das

Susan Holland-Muter

narrativas dominantes. As participantes de grupos focais tinham entre 18 – 36 anos de idade, entre as nove participantes do grupo focal um, e 23-32 anos de idade entre as oito participantes do grupo focal dois. Algumas se autoidentificavam como masculina ou feminina, enquanto outras recusavam essas categorias de gênero. Nove das 17 participantes estavam empregadas. Nem todas especificaram seu trabalho, entretanto, aquelas que o fizeram incluíam empregos de mecânica, treinadora técnica e cabeleireira. Quatro participantes estavam desempregadas. Duas estavam estudando no nível superior, e duas estavam completando o último ano do ensino médio.

A análise das minhas entrevistas em profundidade e grupos focais incluiu procurar e questionar as contra narrativas (BAMBERG & ANDREWS, 2004) nas histórias de vida das participantes. Eu entendia que essas contra-narrativas eram as “histórias que as pessoas contam e vivem que oferecem resistência, seja implícita ou explícita, às narrativas culturais dominantes” (ANDREWS, 2004: 2). Scott (1991) observa como uma estratégia comum de grupos oprimidos como mulheres, pessoas negras, comunidades LGBTI e assim por diante, é “tornar suas experiências visíveis, fornecendo evidência de um mundo de valores e práticas alternativas” (SCOTT, 1991, p. 26), dessa forma desafiando as construções hegemônicas de mundos sociais.

Tais contra-narrativas foram conceituadas como modos de construção do mundo *queer* (QWM). Um conceito cunhado por Berlant e Warner (1998), eu me refiro à construção do mundo *queer* e a utilizo para me referir às formas variadas nas quais as participantes do estudo resistem e (re)configuram as identidades, discursos e práticas hegemônicas, revelando um ‘modo de ser no mundo que está também inventando o mundo’ (MUÑOZ, 2009, p. 121). Assim, um mundo inventado é construído juntamente, em relação a, às vezes cúmplice, as vezes transgressivo a um projeto de normalização (FOUCAULT, 1978).

Por outro lado, eu não adoto a conceituação de *Queer World Construction* (CMQ – Construção de mundos *queer*) de Berlant e Warner, que embasou desafios à heteronormatividade e seu projeto de normalização. Ao invés disso, para tratar dos “pontos cegos” (MUÑOZ, 1999, p. 10) produzidos por sua única aplicação ao binário heterossexual/homossexual, eu adoto uma leitura interseccional (CRENSHAW, 1991; HILL COLLINS & BILGE, 2016; McCALL, 2005) da teoria *queer*. Esse conceito retrabalhado da CMQ em sua forma final incorpora uma análise das movimentações das participantes lésbicas de um “campo abrangente de normalização” (WARNER, 1993, p. xxvi). Notavelmente, isso considera a CMQ em termos de como a sexualidade e seu projeto de ‘normalização’ se entrelaça a outros eixos de diferença, quais sejam gênero, raça, classe social, situação de maternidade e posição geracional quando as participantes se movimentam pelas instituições sociais de suas vidas cotidianas.

Na discussão que se segue, eu primeiramente enfatizo os caminhos individuais das participantes no espaço cotidiano da Cidade do Cabo, prestando atenção em como elas constroem seu sentimento de pertença em relação às construções de heteronormatividades patriarcais racializadas. Suas contra-narrativas revelam suas diferentes estratégias de construir moradia, de construção de mundo *queer* e de assumir uma subjetividade *queer* em relação à

sua comunidade. Esses são processos que se distinguem por classes e raças. Segundo, eu considero as construções coletivas da comunidade lésbica como um modo de construir moradia e pertença. Isso considera tanto a ‘cena lésbica’ como um local de construção de identidade e construção de comunidade fraturada, bem como a forma como as moradias lésbicas e espaços domésticos são reconfigurados e estendidos para se tornar um ‘local de pertença’ (HOOKS, 1990), local de resistência, nutrição e construção da comunidade. Essas estratégias e mecanismos de construir um lugar/construir moradia falam de locais e nódulos de pertença fraturada, enfatizando a natureza racializada, de classes e gênero dos mundos de vida *queer* das lésbicas e da construção do mundo *queer* na Cidade do Cabo.

Construindo Pertença em Relação a/e Dentro das Construções de uma Heterossexualidade Racializada

As contra-narrativas das participantes enfatizam como elas adotam uma variedade de mecanismos e tecnologias de segurança e reivindicam seu lugar legítimo dentro de suas comunidades. Elas constroem seus mundos de vida *queer* dentro de e em relação às heteronormatividades patriarcais hegemônicas. Suas contra-narrativas revelam diferentes estratégias de construir pertença, de construir um mundo *queer* e assumir sua subjetividade lésbica em relação às suas comunidades. Esses processos são permeados por sua raça e classe social, uma vez que são realizados dentro de espaços/locais divididos em raças e classes. Discutirei quatro estratégias lésbicas de construir espaço em relação às suas comunidades e à Cidade do Cabo de uma forma mais geral. Sandiswa e Bulelwa são duas lésbicas masculinizadas negras falantes de Xhosa que pertencem à classe média que vive nos distritos da periferia da Cidade do Cabo. Sandiswa está próxima dos 30 anos de idade e mora em um quarto alugado em Khayelitsha. Bulelwa já tem mais de 40 anos e mora sozinha em Tambo. Mandy é uma lésbica mais velha branca, falante de inglês e pertencente à classe média que vive com sua companheira em Mouille Point, uma área previamente designada aos brancos, na elegante área de Atlantic Seaboard. Tamara é uma muçulmana de cor, que fala inglês e tem 25 anos. Ela mora com seus pais em Mitchells Plain, uma área previamente designada a pessoas de cor.⁴

As narrativas de Sandiswa e Bulelwa falam de suas estratégias de construir relações de afeto com seus vizinhos e comunidade para assegurar que sejam conhecidas e vistas como personalidades individuais, além e mais do que a desvalorizada e estigmatizada categoria de lésbicas. Sua prática diária mostra elas ativamente reivindicando seu espaço/lugar nas suas comunidades heteronormativas patriarcais através da construção de amizades, e realizando um ‘trabalho cultural’ (LIVERMON, 2012) para serem vistas como membros legítimos e autênticos da comunidade.

Sandiswa vive na Cidade do Cabo por aproximadamente cinco anos e vive

4 A maioria das participantes escolheu os nomes com os quais gostariam de ser identificadas neste estudo. Algumas escolheram pseudônimos, enquanto outras escolheram usar seus próprios nomes. Entretanto, no decorrer da escrita, eu escolhi mudar os nomes reais das pessoas por pseudônimos para proteger sua anonimidade.

uma situação instável em que às vezes está empregada, outras não, de ter moradia formal ou não dentro dos distritos de Gugulethu, Khayelitsha e outras áreas. Sua narrativa revela como ela constrói ativamente Khayelitsha como um local seguro para si, principalmente ao usar seu charme e amizades para construir redes masculinas de suporte e proteção de possíveis perigos. Ela observa:

As pessoas 'gostam' de mim, você sabe. E às vezes eu acho que é uma coisa de 'personalidade' mais do que sexualidade, honestamente. Porque no momento em que você começa a falar com as pessoas, elas tendem a olhar além do que você traz. Você vê pessoas que vão a um lugar e então simplesmente, você sabe, 'fazem cara feia' e então automaticamente as pessoas vão te julgar. Mas, se você vai a um lugar e você conversa, você é gentil com as pessoas, então automaticamente elas gostam de você e uhm, porque elas podem ver o que eu sou e elas conhecem outras pessoas naquela área que são como eu, você sabe, el... eles podem sentir necessidade de me proteger, ok. O que é, eu nunca estive em uma posição onde eu precisasse ser protegida (rindo enquanto fala), mas eles têm sempre demonstrado essa coisa 'Ok, estamos aqui por você. Se qualquer pessoa te incomodar, estamos aqui para ajudar ok'. Então é, eu sempre me protejo, ok. Eu não me coloco em situações em que, você sabe, que pode ficar muito estranho e eu tenha que ser protegida. (Entrevista com Sandiswa)

Sandiswa enfatiza como sua preocupação em ser gentil a destaca de outras lésbicas 'que simplesmente fazem cara feia'. Sua prática de segurança se apoia em estabelecer um vínculo de humanidade comum com as pessoas que ela conhece. Ela argumenta que ao construir relacionamentos e ser gentil as pessoas 'olharão além do que você traz'. As pessoas gostarão dela apesar de sua sexualidade e características de gênero. Sandiswa constrói amizades e redes de relacionamentos com heterossexuais masculinos na taverna em frente à sua casa bem como em outros espaços, empregando uma estratégia normativa de gênero de usar os homens como proteção. Isso não é porque eles sejam completamente altruístas, conforme ela menciona, talvez eles a vejam como uma pessoa que possa proporcionar acesso a relacionamentos de alto potencial sexual com suas amigas bissexuais ou heterossexuais. Nesse sentido, pode-se argumentar que a estratégia de Sandiswa também é construída sobre uma cumplicidade de masculinidades, baseada em uma negociação potencial de afeição e corpos femininos.

Expulsa da casa dos pais por seus irmãos após a morte de seus pais, Bulelwa tem vivido só em Tambo Village próximo a Gugulethu por alguns anos. Ela emprega técnicas de segurança tais como uma investigação dos lugares e das pessoas que os ocupam; e assim como Sandiswa mantém uma estratégia de construir relacionamentos. Entretanto, a narrativa de Bulelwa acrescenta outra dimensão às estratégias *queer* de 'construir um espaço' no sentido de que ela enfatiza como ela conscientemente 'arranja as coisas':

[...] depende de onde você está [...] eu posso dizer que estou confortável em Tambo, mas quando eu estou em Gugulethu, tem algumas áreas nas quais eu não vou, porque eles não vão apenas dizer palavras horríveis, eles vão bater em você, eles vão te estuprar, porque eles dizem quando nos veem, eles nos veem como lésbicas que querem ser homens. [...] Na minha área, eles estão aceitando. Ir para outro lugar e começar uma nova vida, isso é cansativo, então eu amo muito a minha área. Porque você pode arranjar as coisas que estão lá [...]. Você tem pessoas que entendem quem você é, que respeitam você, que te veem como ser humano. Essa é minha área. (Entrevista com Bulelwa)

Bulelwa constrói relacionamentos dentro de sua comunidade e, conscientemente se assegura de que é reconhecida como pertencente à comunidade. Essas práticas de construção do mundo *queer* objetivam desfazer a ação do preconceito, responder ao efeito desumanizador do preconceito homofóbico e da violência. Bulelwa está praticando o que Livermon (2012) chamaria de ‘trabalho cultural’ para conseguir uma vida de maior liberdade sociocultural, para ter acesso à promessa feita pela Constituição. Ela usa ‘conforto’ (‘estou confortável em Tambo’) como um registro para denotar uma experiência localizada de segurança. Assim como Sandiswa, Bulelwa posiciona esse sentimento localizado de conforto dentro do distrito e comunidade onde ela vive. O uso repetido que Bulelwa faz da expressão ‘minha área’ na sua narrativa, invoca o regime retórico de ‘fala de propriedade’ (MORAN & SKEGGS ET AL, 2004). A fala de propriedade enfatiza a posse e pertença e enfatiza seu sentimento de direito a esse lugar, seu direito de legitimamente chamar aquela área/distrito de ‘lar’ como um membro autêntico.

De diferentes formas Sandiswa e Bulelwa constroem relacionamentos para serem vistas como seres humanos. Essa estratégia depende de quebrar o sentimento de estranheza que existe entre os grupos de dentro e de fora, de ser estranhos em suas próprias comunidades (MASON, 2005; AHMED, 2000). Ambas as práticas de segurança dialogam com uma ‘construção de espaço’ para sua existência lésbica nas suas casas e comunidades. Na verdade, suas contra-narrativas desafiam a ideia padrão de que ser lésbica é ‘não africano’ e pode apenas acontecer com segurança nos subúrbios previamente designados aos brancos. Elas enfatizam sua inserção e localização dentro de suas comunidades e vizinhanças negras.

De um ponto bem diferente e vantajoso de localização social, na verdade de sua posição auto-reconhecida de privilégio (classe branca), Mandy compartilha como ela nunca se sentiu discriminada por ser lésbica. A narrativa da Mandy enfatiza como ela se recusa a se ver diferente dos outros. Ela comenta que ela não se classifica ou rotula, nem relaciona sua orientação sexual com a política. Ela emoldura sua vida, círculos de amizade e redes sociais a partir de fronteiras indefinidas, porque isso não é apenas sobre ser lésbica. Há ocasiões em que ela e suas amigas se juntam conscientemente como lésbicas, em viagens de final de semana, em encontros para comemorar um aniversário ou jogar rugby, por exemplo. Entretanto, ela acha difícil partilhar como elas se encontram até mesmo como mulheres, “lá pelo meio da noite chega um grupo

de pessoas hétero que sempre socializam com essas mulheres, ou um grupo de homens gays que normalmente saem com a gente, você sabe”. Ela constantemente enfatiza a natureza porosa e não identitária do seu círculo social. Ela enfatiza que as pessoas se encontram para se divertir, comer, cozinhar, dançar, viajar juntas, bebendo e usando drogas pelo caminho. Elas vivem vidas privilegiadas, trabalham muito, mas também se divertem muito.

Mandy se autointitula ‘fanaticamente moderada’, recusando-se a carregar uma bandeira ou pôster para qualquer questão política. Ela reconhece que para ela “é sempre se sentir meio que...confortável. Por isso, eu nunca achei necessário me rotular”. Na sequência, ela ainda acrescenta que ela nem vive um ‘estilo de vida lésbico’. Sua maneira homonormativa (DUGGAN, 2002) de assumir sua sexualidade não a deixa completamente ignorante das normas heteronormativas e sociais que ela tem que seguir. Ela está consciente de que está de acordo com as expectativas sociais no geral, mas não tem a experiência de ser regulada ou vigiada:

Eu meio que sempre vejo isso (ser lésbica) como nada, desde que não haja a ameaça de um incidente. E eu não sei se alguma vez já tive uma ameaça de incidente. Eu acho que você meio que..., seu instinto reconhece as situações e te diz como se comportar sem estar consciente de fazê-lo. [...] Se você entra num restaurante Michelin você sabe que tem que se 'vestir' apropriadamente, 'comportar-se' apropriadamente, você não beija sua namorada na mesa, você sabe, então é... apenas 'adequação' social [...]. (Entrevista com Mandy)

Mandy nega completamente e naturaliza as relações de poder que regulam as normas sociais, emoldurando o cumprimento das normas hegemônicas como ‘adequação social’. Devido ao fato de que na maioria das vezes Mandy se beneficia delas, ela não reconhece sua existência. Sua construção de mundo *queer* normalmente a vê como cúmplice das normas baseadas em classe e raça, bem como em heteronormatividade. Ela despolitizou sua sexualidade, considerando-a privada, um assunto doméstico, apenas reconhecida “quanto estou na cama”. Mandy emoldura seus relacionamentos com amigos e redes sociais e com sua comunidade como sendo um “enorme camaleão” – comportando-se de diferentes formas dependendo com quem ela está e o que se espera dela. Ela observa que ela é “provavelmente superconsciente de estar acomodada, então eu provavelmente exagero nesse departamento”, ela acrescenta que “eu meio que gosto de fazer a coisa certa”. Em seu caso, na maioria das vezes “fazer a coisa certa” tem a ver com a respeitabilidade pública da classe média.

Conforme mencionado anteriormente, Tamara é uma jovem muçulmana uma lésbica com aparência feminina que vive com sua família em Mitchell’s Plain. Ela é estudante e depende financeiramente da família. Suas práticas de construção de mundo *queer* a veem demonstrando uma heterossexualidade pública em sua casa por ter medo de ser marginalizada por alguns membros da família ou perder os benefícios financeiros. Isso espelha as práticas de outras pessoas LGBTI de cor e jovens no estudo de Sanger (2013) sobre a juventude de cor nas periferias urbanas da Cidade do Cabo. Ela representa a filha

muçulmana pura, heterossexual assumida, embora não convencional, estudiosa e inteligente, uma incorporação das aspirações da sua classe social em ascensão. Sua narrativa revela, entretanto, que uma vez que ela esteja fora de Mitchell's Plain dirigindo pela estrada N2 em direção ao centro da cidade, os subúrbios do sul e a universidade da Cidade do Cabo, seu lugar de estudos na época, ela se comporta como e incorpora uma mulher lésbica positivamente identificada. Em tais lugares, ela também bebe e socializa com uma variedade de pessoas, mulheres e homens, lésbicas e heterossexuais. Aqui, no entanto, sua posição e enquadramento como uma mulher muçulmana de cor de Mitchells Plain, a separa das suas amigas brancas da classe média. Ela se sente diferente das outras por causa da sua ignorância do tipo de vida que ela tem em casa, dentro dos hábitos muçulmanos de uma família trabalhadora da classe média e seus medos que associam Mitchells Plain com gangues, drogas e violência. A narrativa da Tamara enfatiza seu relacionamento ambivalente tanto com Mitchells Plain como com os subúrbios do sul, uma vez que ela não se encaixa nem completamente pertence a nenhuma das comunidades. Isso lhe dá a impressão de que ela está vivendo uma vida no limiar, nas fronteiras entre suas comunidades de referência.

Ela está em conflito com seu desempenho heterossexual dentro dos limites de Mitchells Plain. Por um lado, ela acredita que há um nível de aceitação da homossexualidade na área. Ela argumenta que embora alguns membros da comunidade usem palavras que podem ser percebidas como depreciativas como 'moffie'⁵, ela é mais utilizada como uma brincadeira, e faz parte de um discurso que posiciona os 'gays como divertidos'. Ela nota que a rua onde ela mora é 'muito gay' porque tem algumas lésbicas com aparência masculina que moram lá, e ela não tem ouvido rumores ou fofocas negativas sobre elas. Entretanto, ao mesmo tempo, Tamara observa que ela não se sente completamente segura em Mitchells Plain por causa da falta de uma presença forte e visível de lésbicas. Tal ausência faz com que ela se pergunte, "por que as lésbicas se escondem?" Da mesma forma que nos estudos de Salo et al (2010) e Leap (2004), ela caracteriza Mitchells Plain com uma ostensiva falta de uma comunidade LGBTI que se represente publicamente. Tamara acredita que elas se escondem porque há perigo, e, portanto, ela está em perigo. Ela também se preocupa com a reação de sua família se ela se declarasse como lésbica para eles.

A narrativa de Tamara revela seus sentimentos contraditórios e ambivalentes de pertença a um número de comunidades. Ela reivindica um sentimento de pertença à sua comunidade e sua vizinhança, observando que ela se sente parte de Mitchells Plain, gosta da forma como ela funciona e as redes de solidariedade e cuidados, e vive com sua família e tem uma história lá. Mas, ao mesmo tempo, ela está bem preocupada que será rejeitada por causa de sua sexualidade tanto por sua família quanto pela comunidade em geral. Ela teme que ao assumir sua sexualidade lésbica abertamente dentro da comunidade a levaria a perder o respeito e o status que ela ocupa devido a ser a primeira pessoa a ter ensino superior. Ela teme ser expulsa de casa, perder o apoio

5 Mofie é um termo 'criado nas comunidades de cor do oeste da Cidade do Cabo, um equivalente africano a 'queer', 'bicha', or 'gay' (CHETTY, 1994: 127).



financeiro e o amor de sua família. Ela compartilha:

Isso faz (tom de voz mais alto) (respiração curta) de... certa forma, sim, eu me sinto mesmo que eu vá embora (tom de voz mais agudo), ainda é um lugar ao qual eu sinto que pertencço, onde cada um se preocupa com o outro, todos estão lá para se ajudar, uma coisa que eu não vejo nesses subúrbios mais classe média como Rondebosch, onde você nem sabe o nome dos vizinhos, assim, nesse sentido você pertence, eles vão te cuidar, te proteger. Mas, de outra forma, eu não sinto que eu realmente me encaixe, assim como eu- ou a minha identidade, para usar outra palavra, como a minha identidade lésbica não se encaixaria aqui, eu não – eu não me sentiria confortável, eu não me sentiria segura, no sentido de que eu não sei o que aconteceria, eu não sei como eles reagiriam. Assim, é, humm, mas eu pertencço, mas eu digo que também não pertencço de uma outra forma, então é confuso. (Entrevista com Tamara)

Ela não se sente completamente em casa e bem-vinda em Mitchells Plain, devido à sua sexualidade lésbica. Entretanto, o sentimento de fazer parte da comunidade que cuida um do outro, com uma história em comum e fortes ligações de solidariedade e apoio são muito atraentes para ela.

Entretanto, quando ela vai de Mitchells Plain para Rondebosch e os subúrbios do sul, ela se sente a outra ‘colorida’, e enfrenta a branquitude e racismo de alguns de seus amigos brancos em Mitchells Plain como, “oh você vai morrer e receber um tiro”. Embora ela seja capaz de desempenhar o papel de lésbica e *queer* entre suas redes sociais nos subúrbios do sul, ela precisa gerenciar suas percepções negativas e estereótipos em relação à violência induzida por gangues. E assim, ela aqui também sente que não pode ser ‘completamente’ ela mesma.

Essa liminaridade e posição marginal (ANZALDÚA, 1987) a coloca em um estado constante de mundos mediadores, gerenciando identidades e se alternando em suas subjetividades e práticas. Suas subjetividades de construção de mundo *queer*, práticas incorporadas e a procura por uma pertença revelam as escolhas conscientes que ela faz dentro de cada espaço. Ela entende os códigos normativos dentro dos diferentes espaços na sua vida e escolhe negociá-los de formas que contribuem com seu sentimento de segurança e conforto. Dessa forma, ela conscientemente policia sua identidade e comportamentos para estar de acordo com os códigos e normas particulares – tanto em termos de sua sexualidade e gênero como sua raça e classe.

Os mundos de vida *queer* aqui discutidos tornam conhecidas as várias formas nas quais as lésbicas participantes desse estudo se movem pela Cidade do Cabo, com variados graus de recursos (culturais e econômicos) para construir sua morada, ou experimentá-la como um espaço acolhedor. Embora a sexualidade e como elas assumem suas subjetividades lésbicas sejam importantes fatores que influenciam a forma como elas ‘criam um espaço’ para si mesmas como lésbicas, sua construção de mundo *queer* também foi grandemente influenciada por sua posição dentro das relações sociais de raça, classe e idade, entre outros.

A Construção da Comunidade Lésbica como uma Forma de Construir Lar e Pertença

A formação de espaços e comunidades lésbicas coletivas são estratégias-chave adotadas por muitos participantes para gerenciar a heteronormatividade nos espaços cotidianos e construir um sentimento de pertença na Cidade do Cabo. Esses processos de construção de mundo *queer* coletivo acontecem tanto no espaço público quanto no privado, dentro e fora da vista e ‘conhecimento’ da comunidade em geral.

A construção da comunidade lésbica acontece através de diversas estratégias e locais. O espaço de cena lésbica é um espaço importante de construção de identidade e comunidade – que é posto em prática tanto em estabelecimentos comerciais lésbicos e gays, como dentro de eventos mensais baseados em atividades realizadas em espaços comerciais ‘heterossexuais’. Dessa forma, o ‘espaço de cena lésbica’ tem sido criado a partir do que inicialmente era construído como exclusivamente um cenário (branco) gay masculino.

As casas lésbicas, como lugares privados e seguros também funcionam como locais de performatividade lésbica, um lugar onde os habitantes e seus círculos de amigos e redes sociais podem “escapar das práticas disciplinares que regulam [seus] corpos na vida cotidiana” (JOHNSTON & VALENTINE, 1995, p. 99). Mesmo que sejam casas onde se vivem experiências de violência e apagamento (entre parceiros ou entre gerações), elas também têm um papel importante como nós de construção da comunidade. As casas funcionam como lugares de lazer e recreação entre os círculos de amigos; como locais de ganho comercial dentro das redes sociais, e mais importante, como locais de educação política e mobilização. As casas são reconfiguradas de espaços domésticos para espaços públicos, e estendidas como ‘lugares de pertença’ (HOOKS, 1990).

Tanto o espaço de cena lésbico como os ‘lugares de pertença’ (HOOKS, 1990) abrem espaço para a performatividade lésbica na Cidade do Cabo, criando um espaço de pertença fraturada que inclui tanto as ‘casas simbólicas’ quanto as materiais para as lésbicas. O acesso a esse tipo de experiência é desigual entre raças e classes.

O cenário lésbico como um lugar de construção da identidade e construção de comunidade fraturada

Nenhuma das lésbicas participantes do estudo mantém sociabilidades apenas dentro do espaço de cena lésbico, mas para um grande número delas, o espaço de cena lésbica tem um importante papel nas suas vidas como um meio de consolidar a subjetividade lésbica e contribuir para o sentimento de pertença. Muito já tem sido escrito sobre como os espaços de lazer lésbicos e gays funcionam como ‘paraísos de segurança’ para as comunidades LGBTI marginalizadas. As paisagens de lazer das mulheres lésbicas têm sido concebidas como locais de construção de identidade, empoderamento e resistência à heteronormatividade e um refúgio da ameaça de violência homofóbica (BROWNE & FERREIRA, 2015). Como locais de segurança e

construção de identidade, Buckland (2002) observa como os cenários lésbicos são chave para a vida cultural dos indivíduos, grupos e mundos de vida *queer*, os quais como locais de socialização *queer* têm sentido e valor como comunidade. Ela argumenta que “qualquer lugar de dança *queer* é um nó no qual muitos mapas de entrelaçamento e camadas se encontram. Qualquer um desses mapas é parte de um mundo de vida *queer*: um teatro móvel ou um mapa de relações em comum” (BUCKLAND, 2002, p. 3). As narrativas das participantes espelham isso, enfatizando como a cena social lésbica através das divisões geográficas na Cidade do Cabo funcionam como espaços seguros para elas praticarem seus desejos lésbicos, formar redes sociais e experimentar o sentimento de comunidade lésbica. Isso aumenta seu sentimento de pertença e um sentimento de que a Cidade do Cabo é um lar.

Max, uma jovem lésbica branca de Newlands observa:

Como uma pessoa gay recém anunciada, parecia muito atraente para mim poder ir. A primeira vez que fui a uma festa somente de mulheres [...] me fez sentir muito bem estar em um espaço que em eu sabia haver apenas mulheres, eu acho. Toda a solidão do início, de não ter nenhuma amiga queer. E querer entrar nesses espaços e estar inserida em algum tipo de comunidade. (Entrevista com Max)

Max enfatiza o papel afirmativo que espaços sociais lésbicos oferecem a lésbicas mais jovens e àquelas que são recém engajadas com suas subjetividades sexuais lésbicas. Eles também fornecem um acesso muito necessário às redes sociais maiores, quebrando o isolamento social. Tais espaços afirmativos constroem uma auto identidade positiva e promovem um sentimento de pertencer à comunidade mais abrangente. Isso confirma outra pesquisa sobre jovens sul-africanos que enfatiza como fazer parte de uma comunidade maior contribui com a resiliência, quebra de isolamento e marginalização experimentada dentro da família, escola e do contexto social mais abrangente (KOWEN & DAVIS, 2006).

Jay e Tamara, ambas lésbicas de cor, de Mitchells Plain, compartilham suas percepções da cena social lésbica.

Jay: Um...a primeira vez que eu fui a Angels, [...] foi fantástico. Apenas estar em um lugar onde eu não precisava me preocupar com as pessoas me observando ...você sabe. Eu não precisava esconder que eu era uma lésbica, há outras mulheres como eu, e isso era simplesmente surpreendente. E tudo isso era surpreendente. (Entrevista com Jay)

Tamara: [A Pink Party (Festa Rosa) é] um lugar legal apenas para estar com suas amigas, assim, em um espaço que é aberto a diferentes sexualidades e diferentes formas de expressar amor. Assim como se você quisesse dar uns beijos na sua namorada e você está no meio da UCT, seria muito estranho [riso] assim, as pessoas ficam olhando para você. Assim, apenas poder beijar alguém do mesmo sexo lá sem

ser julgada ou observada e muito bom ter esse espaço. (Entrevista com Tamara)

Jay e Tamara falam sobre diferentes momentos na Cidade do Cabo, o início dos anos 1990 (Jay) e 2013 (Tamara) e ainda assim ambas fazem referência a como o espaço de cena lésbica lhes fornece um espaço seguro de agir publicamente com suas identidades e desejos lésbicos. Jay se refere a como Angels, um bar/clube popular lésbico das décadas de 80 e 90 em Green Point, localizado em uma área informalmente chamada de Gay Village (vila gay), entre o centro da cidade e a área valorizada da fachada Atlântica, lhe fornecia um espaço seguro para uma jovem mulher de cor no final de sua adolescência, durante o início dos anos 90. Naquela época, ela ainda estava no armário e vivia com sua família em Mitchells Plain. Ela tinha sido vítima de violência lesbofóbica, atacada no estacionamento de um clube da sua região por ter demonstrado afeição à sua namorada em público. Uns vinte anos mais tarde, em 2013, Tamara que também ainda estava no armário e vivia na casa dos pais, se refere ao sentimento de alívio por poder expressar amor e desejo em um espaço “que é aberto a diferentes sexualidades”. Para Tamara, apesar das mudanças legislativas e sociopolíticas que têm dado maior visibilidade e aceitação pública às pessoas LGBTI na Cidade do Cabo contemporânea, ter acesso a um espaço como Pink Party, uma festa mensal *queer* realizada em Zonnebloem nos subúrbios do sul, ainda é um suporte para a vida.

Embora Jay fale do que ela percebe ser uma visibilidade maior da presença lésbica em espaços públicos nos anos recentes de Mitchells Plain, Leap (2005) e Salo *et al* (2010) observam como uma presença gay ou lésbica é ‘tolerada’ dentro das comunidades de cor desde que não sejam visíveis demais. Elas são aceitas como ‘pessoas marginais’. Tamara parece compartilhar os sentimentos oferecidos por ambos autores. Espaços como a Pink Party lhe fornecem segurança para pôr em prática livremente seu desejo lésbico sem medo de ser observada ou julgada. Tanto Jay quanto Tamara registram o efeito libertador de uma legalidade do desejo lésbico e um sentimento de comunidade criado pelo conhecimento de que “havia outras mulheres como eu”.

Sandiswa, de Khayelitsha, apresentada anteriormente, compartilha suas percepções e significância de Mzoli’s, uma churrascaria e taverna, e Dez, uma taverna que é ‘favorável às lésbicas’, ambos localizados no distrito de Gugulethu. Ela observa:

Em Dez [...] é um lugar de encontro de gays e lésbicas ok, [...] Porque antes da Dez todas nós íamos ao Mzoli's você sabe. Porque você encontra muitas pessoas gays lá. Todos, todo tipo você sabe [...] A maioria das pessoas gostam de lá porque podem se encontrar lá. É como um lugar de se conectar, eu não sei (risos enquanto fala). Lá é onde você encontra outras lésbicas de outras áreas. As pessoas vêm de todos lugares (distritos), mesmo de Parklands para a Cidade do Cabo, Obs, de toda parte. Elas querem ir à Dez, de qualquer jeito. Você conhece muitas pessoas diferentes. É muito legal. (Entrevista com Sandiswa)

A narrativa de Sandiswa enfatiza como Gugulethu é um local coletivo de ‘espaços de cena’ lésbica, ela observa que se recusa a ir a festas em bares que são simpáticos às lésbicas no Green Point, porque eles são caros, tocam ‘música branca’ e estão cheios de lésbicas brancas. As participantes lésbicas dos grupos focais também compartilharam sua recusa em participar da cena social lésbica nos subúrbios e no centro da cidade por causa das experiências de racismo e preconceitos de classe nesses espaços. Essas experiências espelham os estudos da cena gay em Green Point (ELDER, 2004; TUCKER, 2009a; 2009b). Muitos também experimentaram dificuldades em acessar esses espaços devido à falta de transporte à noite e ao alto preço das entradas e bebidas. As tavernas, Dez e Shawn’s Place, em Gugulethu fornecem locais de construção da identidade lésbica e construção de comunidade dentro do distrito. Elas fornecem um espaço de segurança e resistência à heteronormatividade patriarcal, um espaço seguro para pôr em prática seu desejo lésbico e atuar – enquanto também fornecem um refúgio do racismo experimentado na cena lésbica do centro da cidade.

Entretanto, Dez também tem sido um local de tensão e medo. Não é um espaço exclusivo para lésbicas e o proprietário permite que alguns homens e mulheres hétero frequentem a taverna. Isso tem resultado em alguns conflitos, principalmente entre os homens hétero e as lésbicas masculinizadas. Esse relacionamento tenso tem sido citado frequentemente como um motivador de violência sexual e física, colocada em prática contra os corpos das lésbicas masculinizadas.⁶ O desejo de não ter que lidar com homens hétero em espaços sociais levou Sandiswa e outras lésbicas a parar de frequentar a Dez e mudar sua fidelidade social ao Shawn’s Place, um espaço exclusivo para lésbicas. Essa prática fronteiriça (MORAN & SKEGGS et al, 2004) de criar um espaço exclusivo para lésbicas no meio de tais tensões é um mecanismo de segurança e proteção.

Esses espaços de construção de mundo *queer* são limitantes no sentido de que oferecem um número limitado de locais para recreação e lazer destinado a lésbicas. Entretanto, eles também oferecem liberdade de expressão e segurança corporal dentro de um espaço protegido. O cenário lésbico demonstra as práticas de construção de lugar, realizadas pelas lésbicas na Cidade do Cabo. Diferentemente do início dos anos 90 estudados por Leap (2004), quando ele observou que ‘um lugar lésbico’ estava ausente da cena gay do centro da cidade, hoje se pode falar de ‘locais lésbicos’ na paisagem de lazer da Cidade do Cabo. Eles não estão apenas localizados na vila gay, mas também em certos subúrbios historicamente designados como brancos e de pessoas de cor e nos distritos negros da Cidade do Cabo. Eles são também parciais, efêmeros e

6 A literatura se refere às tensões entre masculinidades hegemônicas heterossexuais (negras) e masculinidades lésbicas (negras), um conflito que se desenvolve em dois cenários. Primeiramente, pelos homens heterossexuais hegemônicos tentar impor sua masculinidade sobre as masculinidades lésbicas, ao fazer com que as lésbicas masculinizadas entendam que elas podem pôr em prática uma masculinidade lésbica, mas ainda são mulheres, e portanto, social e culturalmente ‘objeto de escárnio’ para os homens hetero. Isso é conseguido por esses homens heterossexuais ao testar e criar um engodo para as mulheres lésbicas ao ‘propor’ relações sexuais com eles. Segundo, há uma referência à ‘competição’ que existe entre eles pela atenção das mulheres heterossexuais ou lésbicas femininas. (GONTEK, 2007; HOLLAND-MUTER, 2013; MARTIN ET AL, 2009; MKHIZE ET AL, 2010; SWARR, 2012).



temporais, refletindo os eventos mensais e o calendário lésbico de lazer em vez de um espaço permanente da (rapidamente reduzida e dispersa) cena gay na Vila Gay. Elas refletem as divisões sociais, raciais e de classe e as brechas dentro da Cidade do Cabo, um legado colonial e do Apartheid na África do Sul. Dessa forma, a construção do mundo *queer* revelada pelo espaço de cena lésbica torna visível uma pertença fragmentada e dispersa, uma construção de lugar fraturada.

Reconfigurando o espaço doméstico em local de pertença

A maioria, se não todas as narrativas das participantes, revelam como suas casas funcionam como locais de lazer e recreação. Isso espelha tanto estudos internacionais como nacionais (LEAP, 2005; PEACE, 2001; ROTHENBERG, 1995;) que explicam que as lésbicas socializam e se encontram como comunidades através das amizades e redes sociais que ocupam os espaços privados/domésticos ou efemeramente o espaço público.

As lésbicas de classe média de todas as raças nesse estudo que viviam fora dos distritos não enfatizaram a socialização em suas casas especificamente como uma ‘prática segura’. Entretanto, elas se referiam a como suas casas serviam como locais de recreação e construção de comunidade. Esse fato contrasta com o relato de lésbicas negras que vivem em diversos distritos que especificamente referenciaram suas casas como um refúgio seguro do estigma, discriminação e violência que frequentemente experimentam em espaços públicos. Conforme Bella, uma autoidentificada lésbica feminina negra de Khayelitsha observou:

Quero dizer... [pausa] sair à noite, eu não me sinto segura em sair à noite. Então, o que você faz? Ou, o que eu faço? Eu fico em casa. Uhm, apenas pelo fato de ser feminina, ou uma mulher; você sabe, você não está segura. E se as pessoas descobrem outras coisas sobre você, com quem você sai, onde você vai, coisas que você faz, então você automaticamente ganha um alvo no meio da testa. (Entrevista com Bella)

A distância entre as casas das pessoas no distrito e o centro da cidade, onde a maioria da cena social lésbica e gay acontece; a falta de transporte pessoal e público, somados ao racismo e exclusão experimentados no que é visto como o espaço de cena lésbico no centro da cidade, (LEAP, 2005; RINK, 2013; TUCKER, 2009a; 2009b; VISSER, 2003), contribui para que as atividades sociais sejam centradas em redes informais e círculos de amizade nos espaços domésticos negros. As narrativas lésbicas negras ilustram como suas casas localizadas no distrito funcionam como locais de refúgio e lazer, não apenas para as pessoas que moram lá, mas também para seus círculos de amizade e redes comunitárias mais abrangentes. Resultados semelhantes foram encontrados por Lewis & Loots (1995) e Salo *et al* (2005), as lésbicas construindo zonas seguras em espaços domésticos como característica central de sua construção de mundos de vida *queer* figuram fortemente em suas narrativas.

O trecho abaixo da discussão do grupo focal realizada com as lésbicas que

Susan Holland-Muter



viviam em e nas proximidades de Gugulethu chama atenção para isso e como o ‘dentro’ (doméstico, privado) oferece refúgio do ‘fora’ (o mundo público de heteronormatividades patriarcal).

Bulelwa: Não eu, eu me divirto em minha casa [Zim: eu também]. [...] e então as lésbicas vem até mim e nós apenas nos sentamos na minha casa. Ou eu vou onde é seguro, eu sei que vamos sentar lá, ninguém vai nos perturbar e de qualquer forma, temos que nos proteger.

Zim: Eu acho que temos que nos proteger, yabon (você sabe)? Porque somos velhas, né, talvez seja a idade /interrompida

Bulelwa: Já estivemos lá!

Comentário geral: Ahhhh heeeyyy! Caras venham agora (risos)

Zim: Bem, pelo menos agora estamos cansadas. Você se senta em casa, pega sua bebida, pega uns salgadinhos, algumas coisas [KK: Organiza uns salgadinhos, (risos); uns sucos, (risos); Siphokazi: um sushi] e então quando quer dormir, você dorme na sua cama. Você não pensa em ir... ao menos algumas vezes, sim, quando você quer se conectar com as pessoas você vai no Dez e encontra algumas garotas lá.

Bulelwa: Éééé, de vez em quando. (Entrevista com Bulelwa e Zim)

Como Salo *et al* (2010) observaram, o espaço doméstico fornece às lésbicas um lugar seguro para criar uma subcultura alternativa. O significado do seu espaço doméstico é expandido, utilizado como um local de recreação para tornar-se um meio de proteção, ‘temos que nos proteger’, e como um refúgio, ‘ninguém’ vai nos perturbar’. A afirmação de Bulelwa ‘e então as lésbicas vem até mim’ revela como as casas também se tornam nós de redes de amizades e pertença a uma comunidade. A casa se torna um nó onde mundos individuais de vida *queer* se juntam e convergem para formar mundos de vida *queer* coletivos. Zim e Bulelwa sugerem que essa forma de práticas seguras parecem ser favorecidas pelas lésbicas mais velhas. Zim, que se autoidentifica como uma lésbica masculinizada mais velha, observa que prefere ficar em casa por que ‘estamos cansadas’. Isso pode se referir a ‘estar cansada’ de brigar, de ter confrontos e se movimentar na heteronormatividade dos espaços públicos, e principalmente ter que lidar com homens heterossexuais.

Conforme mencionado anteriormente, o uso das casas como locais de socialização se estende além dos distritos. Jay, Butch, Rusty (três lésbicas de cor que vivem em Mitchells Plain e nos subúrbios do sul) e Danny, uma lésbica de classe média branca dos subúrbios mais distantes do sul, todas compartilham suas casas, assim como suas amigas, funcionam como locais de comunidade lésbica entre suas redes de amizades.

No segundo grupo focal realizado com lésbicas negras de uma variedade de distritos na Cidade do Cabo, a casa também emergiu como um local de ganho econômico através da criação de espaços sociais lésbicos comerciais. Abaixo, Letsa discute sua iniciativa comercial de criar espaços sociais lésbicos seguros em sua casa em Gugulethu:

Letsa: Eu queria um nicho de Mercado somente para nós, porque nós nunca tivemos um refúgio que pudéssemos ir e, você sabe, sentir-nos em casa, [...] onde você pode ir dizer 'meu dia foi uma merda hoje por causa de X, Y, Z' e uma amiga vai dizer, 'não minha amiga, aqui, tome um copo de água ou outra coisa qualquer'. Ou ainda 'aqui de uma fumada'. Assim essa é basicamente a minha ideia em primeiro lugar ao organizar eventos. [...] Eu acho que todo mundo se sentia muito segura porque o que eu fazia era garantir que existia segurança para nós. Elas não deixam as personagens não tão legais se aproximarem. Uhm, asseguram-se de que haja sanitários para todos. Às vezes a polícia vinha porque eu não tinha uma licença para vender, mas eu sendo negra, fazendo... (risos) eu fiz um plano. Então se eles fossem vir, digamos perto das 2 ou 3 horas, eu sei que os táxis ainda não tinham começado naquele horário. Mas, ou nós tocávamos música bem suave para as pessoas relaxarem enquanto não havia táxis. E então, após as 5 horas os táxis começavam, tão logo eu ouvia os primeiros táxis buzinando então eu dizia para todos "ei povo, já tem táxis aqui". Se qualquer um, uhm, estivesse esperando um táxi, porque algumas pessoas não tinham carona. Outras pessoas simplesmente caminhavam até o meu lugar ou pegavam um taxi dependendo do caso. (Entrevista com Letsa)

Ao usar o registro de 'refúgio' e 'estar em casa', ela claramente invoca essa iniciativa como uma prática de segurança, uma tentativa de criar uma zona de segurança para as lésbicas. Letsa enfatiza as fronteiras de práticas de proteção (MORAN & SKEGGS ET AL, 2004) de empregar segurança para prevenir a entrada de 'personagens não tão legais'. Não fica muito claro quem os indesejáveis possam ser (talvez homens lesbofóbicos? Um descritor baseado em classe?). Mas, isso indica uma prática de proteção ao criar um dentro e um fora, um mecanismo de manter uma porta para limitar o direito de acesso. Diferentemente das cenas sociais comerciais, essa iniciativa doméstica opera através da noite para prover em relação à falta de transporte público no distrito. Algumas das lésbicas participantes compartilharam como elas não tinham transporte para ir para casa após serem pegadas na alegria dos encontros lésbicos e estarem sob o efeito de álcool. Letsa assegura que sua casa permanece aberta para pessoas até que os primeiros táxis comecem a buzinar na manhã seguinte, quando será seguro para elas irem para suas casas.

Não é necessário dizer que para oferecer sua casa como local de socialização, a pessoa tem que ter os meios de possuir uma casa, ou alugar e/ou ocupar um espaço, mesmo que seja apenas um quarto no fundo do quintal de outra família. Isso denota o privilégio da classe econômica, permitindo que a pessoa esteja protegida dos espaços heteronormativos (por vezes violentos).

Sandiswa explica como uma economia solidária dentro das redes sociais lésbicas dos distritos opera quando a casa de alguém se torna nóculo de uma comunidade e das amizades:

... você sabia que se você estivesse recebendo, você precisava providenciar tudo para essas pessoas [...] você sabe, você teria que

ter algo para aqueles que não trabalham, assim é como funciona no distrito. (Entrevista com Sandiswa)

Dessa forma, tanto o local material de socialização (a casa), com os meios de divertir-se (comida e bebida) eram compartilhados. Essa economia solidária praticada dentro desses espaços privados os distinguia das cenas comerciais, bem como o ‘trazer e partilhar’ das cenas sociais privadas da classe média nos subúrbios.

As lésbicas desse estudo também compartilharam como suas casas se tornaram locais de conscientização e organização política, uma prática de criação de mundo *queer* direcionada à mudança da consciência individual, construindo suporte e solidariedade uma consciência coletiva mais política das mulheres lésbicas e heterossexuais. Jay, a mulher de cor que tem por volta de 30 anos de idade, apresentada anteriormente, diz que durante o início dos anos noventa, quando estava no final da adolescência, ela conheceu uma grande rede de lésbicas relativamente mais velhas que socializavam em Angels (o já mencionado bar lésbico em Green Point nos anos 80 e 90). Ela relata como elas também se reuniam fora dos espaços dos clubes, reunindo-se na casa de alguém para falar sobre:

todas as questões com as quais nos defrontávamos, e... ataques a gays, onde não ir, para sair em grupos...discussões sobre...seus direitos como mulher, e escolhas que você podia fazer, e coisas assim você sabe. E experiências que elas tinham vivido. (Entrevista com Jay)

Jay observa que essa foi uma experiência esclarecedora para ela, ampliando seu entendimento político e social de si mesma e sua posição como uma lésbica de cor. Ela também menciona como esse grupo estabeleceria casas seguras em diferentes áreas para as mulheres buscarem refúgio caso se encontrassem em dificuldade. Ela fala sobre essa experiência como ‘uma descoberta de outras mulheres gays’, um sentimento de comunidade. Essas referências à casa como um refúgio seguro, como um espaço de criação de consciência política, traz à mente o ‘local de pertença’ de Bell Hooks (HOOKS, 1990) onde ela fala sobre o papel que a casa tinha na vida das mulheres negras e como uma comunidade:

Nós podíamos não aprender a amarnos ou respeitarnos na cultura da supremacia branca, lá fora; era aqui dentro, naquele ‘local de pertença’, mais frequentemente criado e mantido por mulheres negras, que tínhamos a oportunidade de crescer e nos desenvolver, nutrir nossos espíritos. Essa tarefa de criar um lugar de pertença de fazer de casa uma comunidade de resistência, tem sido partilhada pelas mulheres globalmente, especialmente pelas mulheres negras nas sociedades de supremacia branca. (HOOKS, 1990, p. 42).

Aqui, o ‘dentro’ privado das funções de pertença como um local de resistência, nutrição e proteção da família negra (entendida no sentido mais

amplo do que a família nuclear imediata) a partir do ‘fora’ da supremacia branca, o mundo público. Eu argumento que o ‘local de pertença’ de bell hooks tem diversas características comuns com a construção de mundo *queer* das lésbicas negras em seus espaços domésticos. O local de pertença da lésbica dentro de seus mundos de vida *queer* oferece um lugar de refúgio e proteção, onde as lésbicas se amam e apoiam umas às outras, fornecem afirmação positiva e aceitação de si mesmas e sua sexualidade dentro do contexto de uma sociedade heteronormativa mais ampla. Ao juntar o coletivo, elas criam espaço para uma comunidade de resistência. Eu também argumento que isso é verdadeiro mesmo que a função de encontros e coletivos venha junto com o ‘divertir-se’. Esses encontros coletivos, no local de pertença, funcionam como um refúgio e local seguro, como proteção para uma comunidade de lésbicas que se juntam como lésbicas, para lésbicas. Dessa forma, eles se tornam locais coletivos de resistência à heteronormatividade.

Conclusões

Este artigo discutiu como as lésbicas que participaram do estudo estão engajadas em uma política de pertencimento (YUVAL DAVIS, 2006) para tornar a Cidade do Cabo seu lar, e como suas casas também funcionam como um local de pertença (HOOKS, 1989).

As paisagens emocionais afetivas da Cidade do Cabo, reveladas nas narrativas lésbicas materializam as diversas formas nas quais a sociabilidade de raça, classe, desempenho de gênero, idade, entre outros fatores, molda a forma como as lésbicas constroem seus mundos de vida *queer* individuais e coletivos. Construir pertença e sentir-se em casa na Cidade do Cabo são influenciados pelos contextos sociais das participantes e sua agência como atores sociais enquanto se movem pelo espaço diário de suas posições de raça, classe e gênero, entre outros fatores. Esses têm sido discutidos através dos modos de “lesbianismo incorporado” que retrabalha as noções de pertencimento dentro das comunidades negras. Tal lesbianismo incorporado refere-se à criação de um sentimento contingente de sentir-se ‘em casa’ na Cidade do Cabo em áreas historicamente negras – contrariando a narrativa dominante da ‘homofobia negra’. Os desempenhos homonormativos de lesbianismo retrabalham uma branquidade da classe média (BÉRUBE, 2001; FRAKENBERG, 1993) e as posições fronteiriças (ANZALDÚA, 1987) refere-se à experiência de liminaridade de algumas participantes enquanto se movem através e dentro das comunidades onde são designadas/apontadas como o ‘outro’.

As construções de comunidades lésbicas através da criação do espaço de cena lésbico e do uso diário de suas casas como locais de refúgio, construção de identidade e comunidade coletiva, contribuem com um pertencimento fraturado na Cidade do Cabo. Esses mundos de vida *queer* se sobrepõem, complementam e contradizem os ‘Mapas Rosa’ oficiais da Cidade do Cabo (RINK, 2013) e retrabalham o significado do espaço urbano em sua representação como capital gay da África do Sul. Através da ocupação do espaço público contingente e efêmero, elas revelam o ‘local lésbico’ na Cidade do Cabo que Leap (2005) foi incapaz de encontrar, um local lésbico que está



disperso através dos nós de conectividade e comunidade por toda a paisagem racializada da cidade.

A casa tem um importante papel na construção e consolidação da identidade lésbica, comunidade e pertencimento. Essa ‘extensão’ de suas casas que Gorman-Murray (2006) se refere como práticas ‘não caseiras’ (lido como não-heteronormativo) está relacionada com como os espaços domésticos são reconfigurados como ‘um local indiscutivelmente homossexual [...] geralmente não associado com o conceito de ‘caseiro’” (JOHNSTON & LONGHURST, 2010, p. 47). As casas são ‘estendidas’ através da reconfiguração do espaço doméstico em um local de construção de identidade lésbica e comunidade, educação e organização política e de consumo público. Por fim, as casas se tornam um ‘local de pertença’ (hooks, 1990), lugares de resistência coletiva à heteronormatividade patriarcal.

Entretanto, embora esses espaços de casa se refiram às conexões *queer* (WEINER & YOUNG, 2011) e outra ontologia social através da escrita de um código alternativo de emaranhados e conectividades (BUTLER, 2015), ao final do dia, eles permanecem locais de pertencimento fraturado devido à sua natureza intersticial e derradeiramente privada.

Não há uma noção singular de identidade lésbica, nem existe uma noção utópica de uma comunidade lésbica (BUCKLAND, 2002). Os mundos de vida *queer* são produzidos dentro das vidas cotidianas incorporadas em momentos particulares e em contextos heteronormativos. Eles são efêmeros e contingentes. As práticas de construção de lugar mais abrangentes dos participantes revelam a natureza marcada por questões de raça, classe e gênero da sua construção de mundo *queer* e mundos de vida. Suas falas revelam narrativas contrastantes e concorrentes da cidade, demonstrando como a Cidade do Cabo é vivenciada como um local híbrido, um lugar de contradições múltiplas, simultaneamente posicionada como um espaço de realização pessoal, liberação sexual e diversidade, exclusão, divisão e opressão.



Revista
Latino-americana de

**Geografía e
Gênero**

Volume 9, número 2 (2018)

ISSN: 2177-2886

Article
english version

Susan Holland-Muter

Introduction

Cape Town has often been represented as the gay capital of South Africa, the home to lesbian, gay, bisexual, transgender and intersexed (LGBTI) communities of the country and even the African continent (ELDER, 2004; RINK, 2013; TUCKER, 2009a; VISSER, 2003; 2010). Historically seen to be a sexually liberal city (CHETTY, 1994; GEVISSER; CAMERON, 1994; LEAP, 2005), this notion has been strengthened and actively promoted since the advent of the democratic dispensation in 1994 (LEAP, 2005; TUCKER, 2009a). The marketing of Cape Town in this light builds on the sexual and gender based rights enshrined in the Bill of Rights of the 'new' South African 1996 constitution. Touted as the 'rainbow nation', the new South Africa's marketing was based on a "rainbow nationalism" (MUNRO, 2012, p. 20) in which, Munro argues, LGBTI rights became a sign of the democratic values of the new nation - a symbol of South Africa's democratic modernity.

At the same time, analysts argue that the 'the black lesbian' in contemporary South Africa gets brought into view through discourses of discrimination, violence and death (DE ROBILLARD, 2016; JUDGE, 2015; MATEBENI, 2014; LEWIS, 2011). This discourse is propped up and amplified by the propagation of the beliefs that same sex sexualities and gender non conformity are unAfrican, against nature and against religion (DLAMINI, 2006; GUNKEL, 2010; SANGER; CLOWES, 2006). In this way, the figure of the black lesbian becomes "staged as a traumatised victim" within national symbolism (DE ROBILLARD, 2016, p. 21). This hypervisibilisation and spectacularisation of violence enacted against black lesbians have the effect of promoting an association of black lesbian desire with danger, victimisation and death. In so doing, the full dimensions of black lesbians' embodied subjectivities become invisible (BOONZAIER; ZWAY, 2015; JUDGE, 2015; MATEBENI, 2013b; 2014; MORRISSEY, 2013; SWARR, 2012).

Unsurprisingly, these two contrasting discourses of Cape Town have starkly racialized spatial dimensions. It is a well-rehearsed argument that the ability to exercise one's sexuality free from stigma, discrimination, and violence is experienced unevenly across Cape Town. Commonly held imaginaries position the well serviced, affluent, historically white inner city, city bowl and southern/northern suburbs as being more tolerant and accepting of sexual and gender diversity. On the other hand, the less resourced and underserved outlying communities, townships and informal settlements of the Cape Flats have become synonymous in the public imaginary with discrimination, violence and hate crimes (JUDGE, 2015; LEAP, 2005; SALO et al, 2010; SANGER, 2013). This dominant imaginary is often represented through the racialized spatial binary of black zones of danger and violence/white zones of safety and tolerance (JUDGE, 2015). All other ways in which

lesbians occupy and inhabit the city are invisibilized.

These dominant discourses and normativities influence and inform how lesbians live their lives. However, it is clear that there is a stark disparity between the popular representation of Cape Town as the gay capital and 'home' to LGBTI communities, and the everyday reality for most of the LGBTI communities who live there. This disparity is located in lesbian, black and working class LGBTI communities' perceptions and experiences of Cape Town (TUCKER, 2009a). Similarly, a sole focus on (black) lesbian violation and oppression, foregrounding how they die rather than how they live, negates and invisibilises their agency, their experiences of love and desire, and the existence of solidarity and acceptance within their communities (BOONZAIER; ZWAY, 2015; HOLLAND-MUTER, 2013; MATEBENI, 2013a; MORRISSEY, 2013; SWARR, 2012; MOREAU, 2013).

In the face of these contrasting dominant narratives and representations of Cape Town, this article will ask how do lesbians make place/make home for themselves in Cape Town? Specifically, it will explore how lesbians construct and produce home at a symbolic level, as well as discuss what role their material homes play in the constructions of their queer life worlds.

The article is based on a part of my doctoral study (HOLLAND-MUTER, 2018) which interrogated the different modes and meanings of queer world making (BERLANT; WARNER, 1998) of lesbians in Cape Town. It did this by exploring the different ways in which self-identified queer, lesbian or gay women¹ from a range of raced and class positionalities, navigated the normativities present in everyday/night spaces in Cape Town. Participants were asked to draw a representation of their 'worlds', the spaces and places which they inhabited or navigated in their everyday lives in Cape Town. These generally included representations of the participant's home(s), where they worked/studied/accessed money, sites of leisure and sport, religious spaces and sites, hospitals and sites of access to health, and their main means of transport and/or transport routes. Some cityscapes were wholly symbolic and did not assume the form of cartographic maps. Participants were asked to speak to their subjective cityscapes without interruption, including their everyday perceptions and experiences. An interactive discussion between participant and researcher then ensued, providing the opportunity for clarifications, depth and exploration of key themes and issues.

These kind of in-depth semi structured interviews were conducted with 23 self-identified lesbian, gay women and queer people. Participants ranged in age from 23 to 63 years old. They were racially diverse, identifying as black, coloured, people of colour, white and human. They were mostly middle or lower middle class, with two working class participants. They subscribed to a range of religious affiliations including Christian, Muslim, Jewish, African traditional religions and atheism. They lived in historically designated black and coloured townships and ghettos situated on the Cape Flats², and

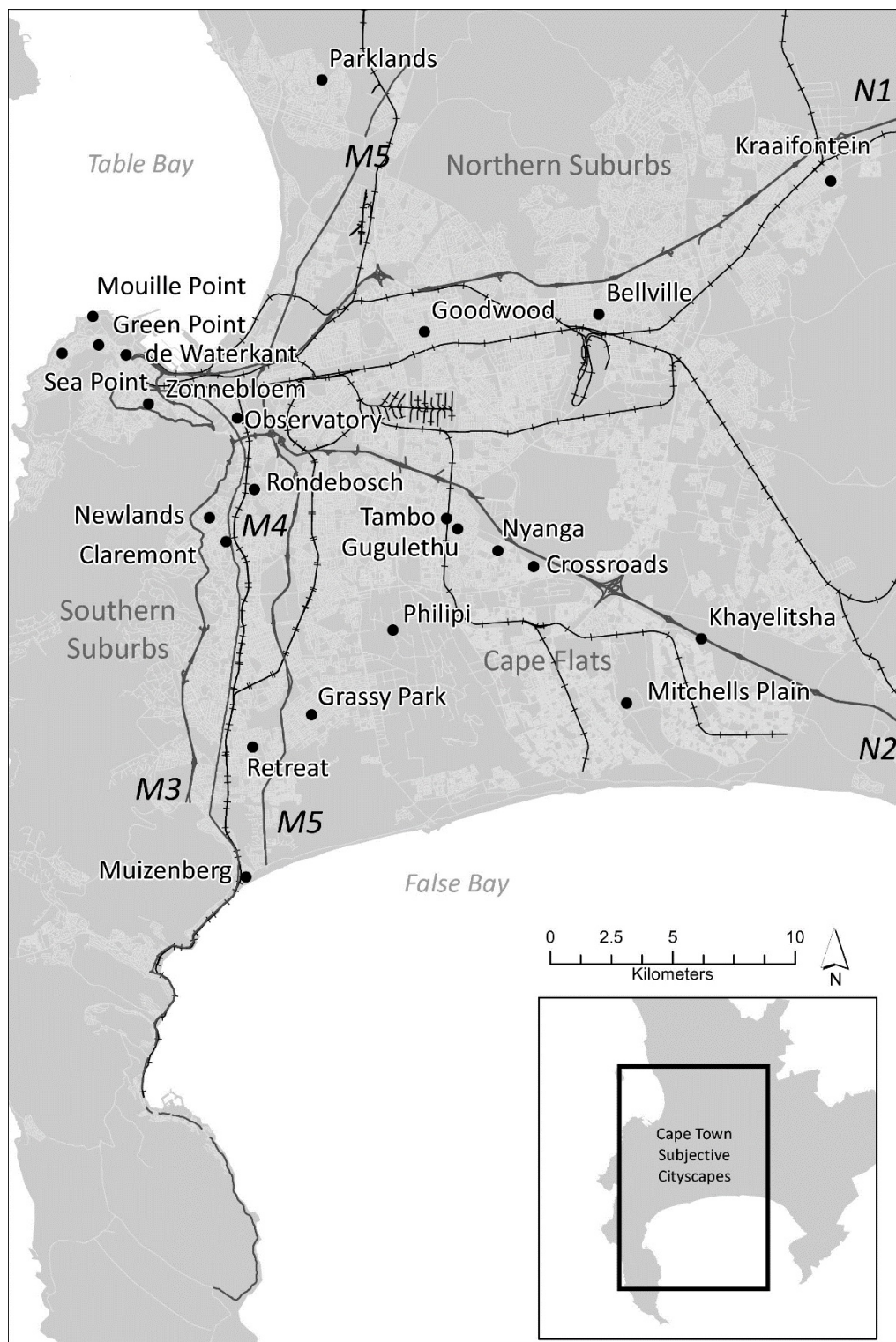
1 The call to take part in the study invited the participation of women (which I would now write as womxn) who were involved in sexual/emotional relationships with other women. It did not specify that one had to self-identify or call oneself a lesbian. Some trans and cisgendered women did not self-identify as lesbian, but rather as queer. Others preferred to call themselves gay women. Some did call themselves lesbian. For this reason, I have used all the self-proclaimed labels used by the participants.



Constructions of Home: the Politics of Lesbian World Making in Cape Town

historically white designated southern or northern suburbs of Cape Town³. There were three foreign nationals from Angola, Zimbabwe and South Korea. One participant was living with HIV and one participant used a wheelchair to navigate her passage. Eight participants were mothers, two of whom conceived their children while in lesbian relationships.

Figure 1.



Susan Holland-Muter

Two focus groups were conducted with black African lesbians living in a range of townships in Cape Town. These were important forums to create as it is black lesbians who are discursively framed as victims of violence and discrimination within the spaces of townships, which are framed as spaces of danger within dominant narratives. The focus group participants' ages ranged from 18 – 36 among nine participants in focus group one, and 23 – 32 among eight participants in focus group two. Some self-identified as butch or femme, whereas others refused these gendered categories. Nine of the 17 participants were employed. Not everybody specified their job, however those that did included mechanic, technical coach and hairdresser. Four participants were unemployed. Two were studying at tertiary level, while two were completing their final year of high school.

The analysis of my in-depth interviews and focus groups entailed looking for and interrogating the counter narratives (BAMBERG; ANDREWS, 2004) in the participants' life stories. I understood these counter narratives to be the "stories which people tell and live which offer resistance, either implicitly or explicitly, to dominant cultural narratives" (ANDREWS, 2004, p. 2). Scott (1991) shares how a common strategy of oppressed groupings like women, black people, LGBTI communities and so on, is "to make visible their experience, providing evidence of a world of alternative values and practices" (SCOTT, 1991, p. 26), in this way challenging hegemonic constructions of social worlds.

These counter narratives were conceptualised as modes of queer world making (QWM). A concept coined by Berlant and Warner (1998), I take up queer world making and use it to refer to the varying ways in which the participants in the study resist and (re)shape hegemonic identities, discourses and practices, revealing "a mode of being in the world that is also inventing the world" (MUÑOZ, 2009, p. 121). Thus, an invented world is constructed

2 The Cape Flats are constituted by the areas East of the Northern and Southern suburbs of Cape Town and is made up of townships and shantytowns (some are Nyanga, Langa, Khayelitcha, Gugulethu) historically created and designated for the black African population, and ghettos for the coloured population (some are Mitchell's Plain, Bishop Lavis, Lavender Hill). Lying on the outskirts of Cape Town, ranging from 15 – 30 kilometers from the city centre, it is a flat, sandy, treeless stretch of land. From the 1950s, most black and coloured people were forcibly removed from the inner city and southern/northern suburbs after they were declared 'white only'. It is also the area in which most of migrant labour was housed (<http://www.sahistory.org.za/places/cape-flats>). People live in small, overcrowded houses or shacks in the townships, and also large blocks of apartment buildings in the formerly designated coloured ghettos. The Cape Flats are overcrowded, under-resourced and under-serviced by the state. They are high density areas, with high levels of crime, gangs and violence.

3 The 'southern suburbs' extend southward from the city centre and along the eastern side of the mountains towards Muizenberg: neighbourhoods include Woodstock, Salt Rock, Observatory, Rondebosch, Newlands and Claremont. During Apartheid, these were designated white residential areas. Woodstock, Salt River and Observatory are more racially mixed suburbs. Observatory houses students, and a relatively large artistic, bohemian, alternative crowd. Rondebosch also houses many students, and is the site of the University of Cape Town, a previously designated white institution of higher learning. The southern suburbs are served by a railway line which runs from the city centre to Simon's Town, south of Muizenberg. These are predominantly English speaking neighbourhoods. North of the Flats are the northern (and historically white designated) suburbs – Bellville, Goodwood, Durbanville. These were predominantly Afrikaans speaking communities. These areas have changed their racial and class composition over time, and are no longer whites only (LEAP, 2005, p. 239-240).

Constructions of Home: the Politics of Lesbian World Making in Cape Town

alongside, in relation to, at times complicit, at times transgressive, to a project of normalisation (FOUCAULT, 1978).

I do not, however, uncritically adopt Berlant and Warner's conceptualisation of QWM, which foregrounded challenges to heteronormativity and its project of normalisation. Rather, in order to address the "blind spots" (MUÑOZ, 1999, p. 10) produced by their sole application of the heterosexual/homosexual binary, I adopt an intersectional (CRENSHAW, 1991; HILL-COLLINS; BILGE, 2016; McCALL, 2005) reading of queer theory. This reworked concept of QWM ultimately incorporates an analysis of the lesbian participants' navigations of a "wide field of normalisation" (WARNER, 1993, p. 26). Notably, this considers QWM in terms of how sexuality and its 'normalisation' project weaves with other axes of difference, such as gender, race, class status, motherhood status and generational position as the participants navigate social institutions in their everyday lives.

In the following discussion, I will firstly highlight the participants' individual navigations of everyday space in Cape Town, paying attention to how they construct their sense of home in relation to constructions of racialized patriarchal heteronormativities. Their counter narratives will reveal their different strategies of making home, of queer world making and of assuming one's lesbian subjectivity in relation to one's community. These are racialized and classed processes. Secondly, I will consider collective constructions of lesbian community as a mode of making home and belonging. This will consider both the 'lesbian scene' as a site of identity construction and fractured community building, as well as how lesbians' homes and domestic spaces are reconfigured and extended into 'a homeplace' (HOOKS, 1990), sites of resistance, nurturance and constructions of community. These strategies and mechanisms of making place/making home speak to sites and nodes of fractured belonging, highlighting the racialized, classed and gendered nature of lesbians' queer life worlds and queer world making in Cape Town.

Making Home in Relation to and Within Constructions of Racialised Heterosexuality

The participants' counter narratives highlight how they adopt a variety of safety mechanisms and technologies to ensure their safety, and claim their legitimate place within their communities. They construct their queer life worlds within and in relation to hegemonic patriarchal heteronormativities. Their counter narratives reveal different strategies of making home, of queer world making and of assuming one's lesbian subjectivity in relation to one's community. These processes are racialised and classed, as they are performed within racialised and classed spaces/places.

I will discuss four lesbians' place making strategies in relation to their communities and Cape Town more generally. Sandiswa and Bulelwa are both butch black Xhosa speaking lower middle class lesbians who live in townships on the outskirts of Cape Town. Sandiswa is in her late twenties and lives in a rented room in Khayelitsha. Bulelwa is in her forties and lives alone in Tambo. Mandy is an older white, English speaking middle class lesbian who lives with her partner in Mouille Point, a previously designated white area, on the

Susan Holland-Muter

upmarket Atlantic Seaboard. Tamara is a coloured English speaking Muslim, in her mid-twenties. She lives with her parents in Mitchells Plain, a previously designated coloured area.⁴

The narratives of Sandiswa and Bulelwa speak to their strategies of building affective relationships with their neighbours and community to ensure they are known and are seen as individual personalities, beyond and more than the devalued and stigmatised category of lesbian. Their everyday practice sees them actively claiming space/place in their patriarchal heteronormative communities through constructing friendships, and performing 'cultural labour' (LIVERMON, 2012) in order to be seen as legitimate and authentic community members.

Sandiswa has lived in Cape Town for about five years and moves in and out of employment and in and out of formal and informal housing within the townships of Gugulethu, Khayelitsha and other areas. Her narrative reveals how she actively constructs Khayelitsha as a safe space for herself, mainly by using her charm and friendliness to build male networks of support and protection from possible danger. She notes:

People 'like' me you know. And sometimes I think it's more of the 'personality' more than the sexuality thing, honestly. Because the moment you start speaking to people, they tend to look beyond what you bring. You get people that go to a place and then just, you know, 'frown' and then automatically people will just judge you. But if you get to a place and you talk and you're friendly with people, then automatically they like you and uhm, because they can see what I am and they know other people around the area that are like me, you know, the [...] they might feel the need to protect me, okay. Which is, I've never been in any position where I had to be protected (laughing while talking), but they've always shown that thing that 'Okay we're there for you. If anyone messes with you, we're there for you okay'. So ja, and I always guard myself, okay. I don't put myself in positions where you know, it will be too awkward and I will have to be protected. (Interview with Sandiswa)

Sandiswa highlights how her emphasis on being friendly separates her from other lesbians 'who just frown'. Her safety practice rests on establishing a bond of common humanity with the people with whom she engages. She argues that by building relationships and being friendly, people will 'look beyond what you bring'. People will like her in spite of her sexuality and gender performance. Sandiswa builds friendships and networks with male heterosexuals in the tavern opposite her house as well as in other spaces, employing a gender normative strategy of using men for protection. This is not because they are completely altruistic as she mentions that perhaps they see her as providing access to potential sexual relationships with her bisexual and

⁴ The majority of the participants chose the names with which they wanted to be identified in the study. Some chose pseudonyms, while others chose to use their own names. However, in the course of the write up, I chose to change some people's real names to pseudonyms in order to protect their anonymity.

heterosexual girlfriends. In this sense, one could argue, that Sandiswa's strategy is also built upon a complicity of masculinities, based on a potential trading in female affection and bodies.

Displaced from her parental home by her siblings after her parent's death, Bulelwa has lived on her own in Tambo Village near Gugulethu for a few years. She employs safety techniques such as screening and surveying places and the people that occupy them; and like Sandiswa has a strategy of building relationships. However, Bulelwa's narrative adds another dimension to her queer 'place-making' strategies in that she emphasises how she consciously 'fixes things':

[...] It depends where you are [...] I can say that I am comfortable in Tambo, but when I am in Gugulethu there are certain areas that I don't go because they won't only say words, nasty words, they are going to beat you, they are going to rape you, because they say when they see us, they see us as lesbians who want to be men. [...] In my area they are accepting, to go to another area and start a new life, that's hectic, so I love my area so much. Because you can fix things that are there [...]. You've got people who understand who you are, who respect who you are, who see you as a human being. That's my area. (Interview with Bulelwa)

Bulelwa builds relationships within her community, and consciously ensures that she is recognised as belonging to the community. These queer world making practices aim to undo the work of prejudice, to speak back to the dehumanising effect of homophobic prejudice and violence. Bulelwa is enacting what Livermon (2012) would term 'cultural labour' in order to achieve a life of greater socio-cultural freedom, to access the promise offered by the Constitution. She uses 'comfort' ('I am comfortable in Tambo') as the register employed to denote a located experience of safety. Similarly to Sandiswa, Bulelwa places this located sense of comfort within the township and community that she lives. Bulelwa's repeated use of 'my area' in her narrative invokes the rhetorical regime of 'property talk' (MORAN; SKEGGS et al, 2004). Property talk highlights possession and belonging and emphasises her sense of entitlement to this space, to her right to legitimately call her area/township 'home' as an authentic member.

In different ways, Sandiswa and Bulelwa build relationships to be seen as human beings. This strategy depends on breaking down the sense of estrangement that exists between insider and outsider groups, of being seen as a stranger to their communities (MASON, 2005; AHMED, 2000). Both of their safety practices talk to a 'making place' for their lesbian existence in their homes and communities. In effect, their counter narratives challenge the trope that being lesbian is unAfrican and can only happen safely in the previously designated white suburbs. They foreground their embeddedness and location within their black communities and neighbourhoods.

From a very different vantage point and social location, in fact from her self-acknowledged position of (white class) privilege, Mandy shares how she has never felt discriminated against as a lesbian. Mandy's narrative

foregrounds how she refuses to see herself as different to others. She comments that she doesn't pigeonhole or label herself, nor has she ever related to her sexual orientation as political. She frames her life, friendship circles and social networks as 'blurring' the lines, because it is not lesbian only. She does have occasions when she and friends consciously gather as lesbians, going away for the weekend, getting together for a big birthday or a rugby match, for example. However, then she is at pains to share how even if they do gather as women, "half way through the evening in will come a bunch of straight people who have always jorled (socialised) with those women, or a bunch of gay guys who tend to hang with us you know". She constantly emphasises the non-identitarian, porous nature of her social circle. She emphasises that people come together to have fun, to eat, to cook, to dance, to go away together, drinking and taking drugs along the way. They live privileged lives, work hard, and play hard.

Mandy calls herself "fanatically moderate", refusing to carry a flag or banner for anything political. Mandy recognises that for her "it's always been kind of [...] comfortable. Ja, which is why I've never thought it necessary to label myself". She goes on later to note that she doesn't even live a 'lesbian lifestyle'. Her homonormative (DUGGAN, 2002) manner of assuming her sexuality does not leave her completely oblivious to the heteronormativity and social norms which she has to navigate. She is conscious that she is complying with social expectations to a large extent, but does not experience it as being regulated or surveilled:

I kind of always see it as nothing (being lesbian) until there's a threat of an incident. And I don't know if I've even known a threat of an incident. I think you're kind of, your instinct reads situations and dictates how you behave without ever consciously doing it. [...] If you walk into a Michelin restaurant you know, as you would 'dress' appropriately, you would 'behave' appropriately, you wouldn't snog your girlfriend at the table you know, so ja, its' just social 'appropriateness' [...]. (Interview with Mandy)

Mandy completely negates and naturalises power relations which inform social normativities, framing compliance with hegemonic normativities as 'social appropriateness'. Due to the fact that for the most part Mandy benefits from them, she does not recognise their existence. Her queer world making sees her often complicit with class and raced based norms, as well as heteronormativity. She has depoliticised her sexuality, considering it a private, domestic affair, only recognised "while I'm in bed". Mandy frames her relationship with friendship and social networks and with her community as being a "huge chameleon" – behaving in different ways depending on who she is with and what is expected of her. She notes that she is "probably overly conscious of being accommodating and being accommodated, so I probably overkill in that department", adding that "I kind of like to do the right thing". In her case, for the most part, "doing the right thing" speaks to doing white middle class public respectability.

As mentioned previously, Tamara is young Muslim, femme presenting

lesbian who lives with her family in Mitchell's Plain. She is a student and financially dependent on her family. Her queer world making practices see her performing a public heterosexuality in her home for fear of being ostracised by some of her family and of being financially cut off. This mirrors the practices of other young coloured LGBTI people in Sanger's (2013) study on coloured youth in Cape Town's urban peripheries. She enacts the chaste, assumed heterosexual, albeit still non-conventional, non-covering Muslim daughter; studious and intelligent, an embodiment of her upwardly mobile class aspirations. Her narrative reveals, however, that once she leaves Mitchell's Plain and drives down the N2 highway towards the city centre, the southern suburbs and the University of Cape Town, her place of study at the time, she enacts and embodies a positively identified lesbian woman. In these spaces, she also drinks and socialises with a range of people, women and men, lesbian and heterosexual. Here, though, her positioning and framing as a coloured Muslim woman from Mitchells Plain, separates her from her white, middle class friends. She feels different to them because of their ignorance of her life at home within a Muslim, lower middle class/working class household, and their fears which associate Mitchells Plain with gangsterism, drugs and violence. Tamara's narrative highlights her ambivalent relationship to both Mitchells Plain and to the southern suburbs as she does not fit into or feel that she completely belongs in either community. This leaves her feeling like she is living a life of liminality, on the borderlands, betwixt and between her two communities of reference.

She is conflicted by her performing heterosexual within Mitchells Plain. On the one hand she believes there is a level of acceptance for homosexuality in the area. She argues that even though some community members use words that can be perceived as derogatory like 'moffie'⁵, this is said more in the spirit of a joke, and forms part of a discourse that positions 'gays as fun'. She notes that the road where she lives is "really gay" because there are a couple of out butch lesbians who live there, and has not heard any nasty rumours or gossip about them. However, at the same time, Tamara notes that she doesn't feel completely safe in Mitchells Plain because of the lack of a strong visible presence of lesbians. This absence leads her to ask, "why are lesbians hiding?" Similarly to Salo (et al, 2010) and Leap's (2005) studies, she characterises Mitchells Plain with an ostensible lack of a publicly performing LGBTI community. Tamara maintains they are hiding because there is a danger, and therefore she is in danger. She is also concerned and fears her family's reaction if she were to come out as a lesbian to them.

Tamara's narrative reveals her contradictory and ambivalent feelings of belonging in a number of communities. She claims a sense of belonging to her community and her neighbourhood, noting that she feels a part of Mitchells Plain, enjoys its ways of working, and networks of solidarity and caring, and lives with her family and has a history there. But, at the same time, she is very concerned that she will be rejected because of her sexuality, both from her family and from her broader community. Assuming her lesbian sexuality

5 Moffie is a term 'coined in the coloured communities of the Western Cape, a South African equivalent of 'queer', 'faggot', or 'flikker' (CHETTY, 1994, p. 127).

Constructions of Home: the Politics of Lesbian World Making in Cape Town

openly within the community, she fears, would lead to her losing the respect and status that she occupies due to being the first one to get a tertiary education. She fears being kicked out of home, losing her family's financial support and love. She shares:

It does (higher tone) (short breathing out) in...in one way ja, I feel like even if I leave (upward tone), it's still a place that feels like where you belong, like everyone looks out for one another, everyone is there to help each other, which I don't see in kind of these more middle class suburbs like Rondebosch, like you never know the neighbours name, so in that sense you do belong like they'll look after you, they'll protect you. But in another way, I don't really feel like I fit in, like what I- or like my identity, to use that word, like my lesbian identity wouldn't fit in there, I don't- I wouldn't feel comfortable, I wouldn't feel safe, in the sense that I don't know what would happen, I don't know how they would react. So ja, umm, but I do belong, but I said I also don't belong in another way so it's- it's confusing. (Interview with Tamara)

She does not feel at home and welcome as 'all' of her in Mitchells Plain, due to her lesbian sexuality. However, the sense of being part of a community that looks out for each other, with a shared history and with strong links of solidarity and support are very appealing to her.

However, when she moves from Mitchells Plain into Rondebosch and the southern suburbs, she feels like the 'coloured' other, and is confronted with the whiteness and racism of some of her friends and broader social circle. She parodies a common reaction from some of her white friends to Mitchells Plain as, "oh you gonna die and get shot". Although she is able to perform as lesbian and gender non-conforming among her social networks in the southern suburbs, she has to manage their negative perceptions and stereotypes of Mitchell's Plain gangster induced violence. And so here, too, she feels she can't be 'all' of herself.

This liminality and borderland positionality (ANZALDÚA, 1987) leaves her in a constant state of mediating worlds, managing identities and tick tacking in her subjectivities and practices. Her queer world making subjectivities, embodied practices and search for belonging reveal the conscious choices that she makes within each space. She understands the normative codes within the different spaces in her life and chooses to negotiate them in ways that contribute to her sense of safety and comfort. In this way, she consciously polices her identity and embodiments to comply with particular codes and norms – both in terms of her sexuality and gender, as well as her race and class.

The queer life worlds discussed here make known the variety of ways in which lesbians in the study have navigated Cape Town, with varying degrees of resources (cultural and economic) to make it home, or to experience it as a welcoming space. Although sexuality and how they assume their lesbian subjectivities are important factors in influencing the way in which they 'made place' for themselves as lesbians, their queer world making was also largely

Constructions of Home: the Politics of Lesbian World Making in Cape Town

influenced by their positionality within the social relations of race, class and age, amongst others.

Constructing Lesbian Community as a Mode of Making Home and Belonging

Forming collective lesbian space and community are key strategies adopted by many participants to manage heteronormativity in everyday spaces and construct a sense of home in Cape Town. These processes of collective queer world making take place in both private and public space, inside and outside of view and ‘knowledge’ of the general community.

Constructing lesbian community takes place through a number of strategies and sites. The lesbian scene space is an important space of building identity and community – which is enacted in both permanent gay and lesbian commercial venues, as well as within monthly events based activities held in ‘heterosexual’ commercial venues. In this way ‘lesbian scene space’ has been created in what has been previously constructed as a solely (white) gay, male scene.

Lesbian homes, as private, secure locations, also function as sites of lesbian performativity, a place where inhabitants and their friendship circles and social networks can “escape the disciplinary practices that regulate [their] bodies in everyday life” (JOHNSTON; VALENTINE, 1995, p. 99). Notwithstanding homes being experienced as sites of violence and erasure (between partners, or between generations), they also play an important role as nodes of community building. Homes function as sites of leisure and recreation amongst friendship circles; as sites of commercial gain within social networks, and importantly as sites of political education and mobilisation. Homes are reconfigured from domestic to public spaces, and stretched to ‘homeplaces’ (HOOKS, 1990).

Both lesbian scene space and ‘homeplace’ (HOOKS, 1990) make place for lesbian performativity in Cape Town, creating a space of fractured belonging which includes both a symbolic and material home for lesbians. This is accessed and experienced unevenly across race and class.

The Lesbian Scene as a Site of Identity Construction and Fractured Community Building

None of the lesbians in the study only socialise within lesbian scene space, but for a large number of them, lesbian scene space has played an important role in their lives as a means to consolidate a lesbian subjectivity and contribute to a sense of belonging. Much has been written about how lesbian and gay leisure spaces function as ‘safe havens’ for marginalised LGBTI communities. Lesbian women’s leisurescapes have been constructed as sites of identity construction, empowerment and resistance to heteronormativity and a haven from the threat of homophobic violence (BROWNE; FERREIRA, 2015). As sites of safety and identity construction, Buckland (2002) notes how lesbian scene(s) are key to the cultural life of individuals, groups and queer life worlds in that as sites of queer sociality they make meaning and value as a community. She argues that “any queer dance floor is a node in which many

Constructions of Home: the Politics of Lesbian World Making in Cape Town

weaving, layered maps meet. Any one of those maps is part of a queer life world: a mobile theatre or map of common relations” (BUCKLAND, 2002, p. 3).

The participants’ narratives mirror this, highlighting how lesbian social scene across the geographical divides in Cape Town functions as safe spaces for them to enact lesbian desire, to form social networks and to feel a sense of lesbian community. This increases their sense of belonging and a sense of Cape Town being a home.

Max, a young white lesbian from Newlands notes:

As like a newly enabled gay person, it was very appealing to me to be able to go, the first time I went to like a women only party [...] it felt really good to be in a space that I knew just had women in it I guess. The whole loneliness in the beginning, like not having any queer friends. And wanting to enter into those spaces and get enmeshed in some kind of community. (Interview with Max)

Max highlights the affirming role that lesbian social spaces offer to younger lesbians and those that are newly engaging with their lesbian sexual subjectivities. They also provide much needed access to larger social networks, breaking down social isolation. Such affirming spaces build a positive self-identity and provide a sense of belonging to a broader community. This confirms other research on South African youth which highlights how being part of a wider community contributes to resilience, breaking down the isolation and marginalisation experienced within the family, school and broader social context (KOWEN & DAVIS, 2006).

Jay and Tamara, both coloured lesbians from Mitchells Plain, share their perceptions of the lesbian social scene.

Um [...] the first time I went to Angels, [...] it was awesome. Just to be in a place where I didn't have to worry about people watching me [...] you know. I didn't have to hide that I was a lesbian, there's other women like me, and it was just amazing. And that was amazing. (Interview with Jay).

[The Pink Party is] a nice place to like kind of just hang out with your friends, like, in a space that is like, open to different sexualities and different ways of expressing love. Like if you were to make out with your girlfriend and you're in the middle of UCT, it'll be really awkward [chuckles] like people would be looking at you. Like, so just being able there to kiss someone of the same sex without being judged or being looked at, it's nice kind of having that space. (Interview with Tamara).

Jay and Tamara speak about different moments in time in Cape Town, the early nineties (Jay) and 2013 (Tamara), and yet both reference how lesbian scene space provides them with a safe space to publicly enact their lesbian identities and lesbian desire. Jay refers to how Angels, a popular lesbian bar/club in the eighties and nineties in Green Point, located in an area

colloquially called the Gay Village, between the city centre and the upmarket Atlantic seaboard, provided her with a safe space as a young coloured woman in her late teens during the early nineties. At that time, she was living in the closet in her family home in Mitchells Plain. She had been the victim of lesbophobic violence, attacked in the car park of a club in her area for publicly displaying affection to her girlfriend. Some twenty years later, in 2013, Tamara, also living in the closet at home with her parents, refers to her sense of relief at being able to express love and desire in a space “that is open to different sexualities”. For Tamara, in spite of the legislative and socio-political changes which have seen greater visibility and public acceptance towards LGBTI people in contemporary Cape Town, being able to access a space like Pink Party, a monthly queer party held in Zonnebloem in the southern suburbs is still a life line.

Although Jay speaks to what she perceives to be a greater visibility of lesbian presence in public spaces in Mitchells Plain in recent years, Leap (2005) and Salo (et al 2010) both point to how a gay and lesbian presence is ‘tolerated’ within coloured communities as long as they are not too visible. They are accepted as ‘marginal persons’. Tamara seems to share the sentiments offered by Salo and Leap. Spaces like the Pink Party provide her with the safety to freely enact her lesbian desire without fear of being watched and judged. Both Jay and Tamara register the freeing effect of a legibility of lesbian desire and the sense of community created by the knowledge that there “were other women like me”.

Sandiswa, whom we met earlier from Khayelitsha, shares her perceptions and significance of Mzoli’s, a barbecue and tavern, and Dez, a ‘lesbian friendly’ tavern, both located in the township of Gugulethu. She notes:

In Dez [...] it's a hangout spot for gays and lesbians, mostly lesbians okay, [...] Because before Dez we all used to go to Mzoli's you know. Because you'll get a lot of gay people there. Everyone, every kind you know. [...] Most people like it because they meet people there. It's like a hook up spot I don't know, pickup job I don't know (laughing while talking). That's where you get to meet other lesbians from other areas. People drive from all the locations (townships) around, even from Parklands to Cape Town, Obs, wherever. They want to go to Dez, whatever. We get to meet a lot of different people. It's very nice. (Interview with Sandiswa).

Sandiswa’s narrative highlights how Gugulethu is the site of a range of collective lesbian ‘scene spaces’. Sandiswa has noted that she refuses to attend the lesbian friendly bars in Green Point, because they are expensive, play ‘white music’ and are full of white lesbians. Lesbian participants from the focus groups also shared their refusal to attend the lesbian social scene in the suburbs and the city centre because of experiences of racism and classism within these spaces. These experiences mirror studies on the Green Point gay scene (ELDER, 2004; TUCKER, 2009a; 2009b). Many also experience difficulty in accessing these spaces due to the lack of transport at night and expensive entrance fees and drinks. The taverns, Dez and Shawn’s Place, in

Gugulethu provide sites of lesbian identity construction and community building within the township. They provide a space of safety and resistance to patriarchal heteronormativity, a safe space to enact lesbian desire and play – while also providing a haven from the racism experienced in the lesbian scene in the city centre.

However, Dez has also been a site of tension and fear. It is not a lesbian only space, and the owner does allow some heterosexual men and women into the tavern. This has led to some conflicts, mainly between heterosexual men and butch lesbians. This tense relationship has often been cited as partly motivating the sexual and physical violence enacted against black butch lesbian bodies.⁶ The desire not to have to deal with heterosexual men in social spaces has led Sandiswa and other lesbians to stop frequenting Dez and to move their social allegiance to Shawn's Place, a lesbian only space. This border practice (MORAN & SKEGGS et al, 2004) of creating a lesbian only space in the midst of these tensions is a mechanism of safety and security.

These queer world making spaces are restricting in that they offer a limited number of venues and places for lesbian centred leisure and recreation. However, they also open up freedom of expression and bodily safety within a bordered, protected space. The lesbian scene demonstrates the place making practices performed by lesbians in Cape Town. Different to the early nineties studied by Leap (2004), when he noted a 'lesbian place' was absent from the gay scene in the city centre, one can speak of 'lesbian places' in the leiscapes of Cape Town. These are not only located in the gay village, but also in a number of historically designated white and coloured suburbs and black townships throughout Cape Town. They are also partial, ephemeral and temporal, reflecting the monthly events and lesbian inspired leisure calendar rather than the permanent space of the (rapidly reducing and dispersing) gay scene in the Gay Village. They reflect the social, racial and class divisions and cleavages within Cape Town, a legacy of colonial and Apartheid South Africa. In this way, the queer world making revealed by the lesbian scene space makes visible a fragmented and dispersed belonging, a fractured place making.

Reconfiguring Domestic Space into Homeplace

Most, if not all, participants' narratives reveal how their homes function as sites of leisure and recreation. This mirrors both international and national studies (LEAP, 2005; PEACE, 2001; ROTHENBERG, 1995;) which outline that lesbians socialise and come together as communities through friendship and social networks which occupy private/domestic spaces or public space ephemerally.

The middle class lesbians of all races in the study who lived outside of the

6 The literature speaks to the tensions between (black) hegemonic heterosexual masculinities and (black) lesbian masculinities, a clash which plays itself out in two scenarios. Firstly, by hegemonic heterosexual men attempting to assert their masculinity over lesbian masculinities, by letting butch lesbians know that they may enact a lesbian masculinity, but they are still women, and therefore socially and culturally 'fair game' for heterosexual men. This is achieved by these heterosexual men testing and baiting butch lesbians by 'proposing' sexual relationships with them. Secondly, there is a reference to the 'competition' that exists between them for the sexual attention of heterosexual women or femme lesbians. (GONTEK, 2007; HOLLAND-MUTER, 2013; MARTIN et al, 2009; MKHIZE et al, 2010; SWARR, 2012).

Constructions of Home: the Politics of Lesbian World Making in Cape Town

townships did not frame socialising in their homes specifically as a 'safety practice'. They did however refer to how their homes serve as sites of recreation and community building. This is in contrast to black lesbians living in a range of townships who specifically referenced how their homes function as a safe haven from the stigma, discrimination and violence they often experience in public spaces. As Bella, a black, self-identified femme lesbian from Khayelitsha noted:

I mean [pause] going out at night, I don't feel safe going out at night. So what do you do? Or what do I do? I stay home. Um, just by virtue of being female, or a woman you know, you are not safe. And if people find out other things about you, who you hang out with, where you go, things you do, then you automatically have a target mark on your face. (Interview with Bella).

The distance between people's homes in the township and the city centre where much of the lesbian and gay social scene is located; the lack of personal and public transport, together with the racism and exclusion experienced in what is seen to be white lesbian scene space in the city centre, (LEAP, 2005; RINK, 2013; TUCKER, 2009a; 2009b; VISSER, 2003) all contribute to social activities centred in informal networks and friendship circles in black domestic spaces. Black lesbian narratives illustrate how their homes located in the township function as sites of refuge or leisure, not only for the people living there, but also for their friendship circles and broader community networks. Similar to Lewis & Loots (1995) and Salo et al's (2005) findings, lesbians constructing safe zones in domestic spaces as a central feature of their construction of queer life worlds figured strongly in their narratives.

The following excerpt from the focus group discussion held with lesbians living in and around Gugulethu draws attention to this and how the 'inside' (the domestic, the private) offers a refuge from the 'outside' (the public world of patriarchal heteronormativity).

Bulelwa: No me, I'm having fun in my house [Zim: me too]. [...] and then lesbians will come to me and we just sit down in my house. Or I will go where it's safe, I know we are going to sit here, no one's going to crowd us, and anyway, we have to protect ourselves.

Zim: I think we have to protect ourselves, 'yabon' (you know)? Because we are old, you see maybe it's age/interrupted

Bulelwa: We've been there!

General commentary: Ahhhh heeeyyy! Guys come on now (laughing)

Zim: So now at least we are tired. You sit at home, get your booze, get some chips, some things [KK: Organise some chips, (laughing); some juices, (laughing); Siphokazi: some sushi] and then when you want to sleep, you sleep in your bed. You don't think of going... at least sometimes yes, when you want to network with people you go to Dez and see some chicks there.

Bulelwa: Jaaaa, once in a while. (Interview with Bulelwa and Zim).



As Salo et al (2010) note, the domestic space provides lesbians with a safe space to create an alternative subculture. The meaning of the home space is stretched, employed as a site of recreation in order to become a means of protection, 'we have to protect ourselves', and as a respite, 'no one's going to crowd us'. Bulelwa's statement 'And then lesbians will come to me' reveals how homes also become nodes of friendship networks and community belonging. The home becomes a node where individual queer life worlds merge and converge to form a collective of queer life worlds. Zim and Bulelwa suggest that this form of safety practice seems to be favoured by older lesbians. Zim, who self identifies as an older butch lesbian, notes how she prefers home because 'we are tired'. This could refer to being 'tired' of fighting, of having to confront and navigate heteronormativity in public spaces, and particularly of having to manage heterosexual men.

As mentioned earlier, homes performing as sites for socialising extend beyond the townships. Jay, Butch, Rusty (three coloured lesbians living in Mitchells Plain and southern suburbs) and Danny, a white middle class lesbian in the deep southern suburbs, all share how their homes, as well as those of their friends, function as sites of lesbian community among their friendship networks.

In the second focus group held with black lesbians from a range of townships in Cape Town, the home also emerged as a site of economic gain through the creation of commercial lesbian social spaces. Below, Letsa discusses her commercial venture of creating safe lesbian social spaces in her home in Gugulethu:

I wanted a niche market for just us, because we never had a haven where we can go and, you know, be at home, [...] where you can go and say my day was shitty today because of X, Y, Z and a friend will go, no my friend, here have a glass or whatever. Or here have a smoke whatever. So that is basically my idea in the first place of bringing events across. [...] I think everyone felt very safe because what I did was I made sure that there's security around. They don't let the very not so scrumptious characters come through. Uhm, make sure that there's sufficient toilets for everybody. Sometimes the police would come because I didn't have a licence to sell, but me being black, doing the [...] (laughter) I made a plan. So now if they would come say round about 2 o'clock, 3 o'clock, I know taxis haven't yet started at that time. But we'd play either music very softly for people to still chill up until there's taxis. And then after 5 when taxis start, as soon as I hear the first taxis hooting then I tell everybody 'guys taxis are here'. If anybody uhm, is waiting to take a taxi, because some people don't have lifts. Other people just walked to my place or they took a taxi whatever the case. (Interview with Letsa).

Employing the register of 'haven' and 'be at home', she clearly invokes this venture as a safety practise, a bid to create a safe zone for lesbians. Letsa highlights the borderlands protection practices (MORAN; SKEGGS et al, 2004) of employing security to prevent the entry of 'the not so scrumptious

characters'. One is not clear who these undesirables might be (possible lesbophobic men? A class based descriptor?). But it indicates a protective practice of creating an inside and an outside, a gate keeping mechanism to limit right of access. Different to commercial social scenes, this home based venture operates throughout the night to cater for the lack of public transport in the township. A number of lesbian respondents shared how they had had no transport home after being caught up in the joy of lesbian gatherings and infused with alcohol. Letsa ensures that her home remains open for people until the first taxis start hooting the following morning when it will be safe for them to leave.

It goes without saying that to offer one's home as a site for socialising one has to have the means to own a home, or to rent and/or occupy a space, even if that is just in a backroom in your family home's yard. This denotes economic class privilege, allowing one to be buffered from (at times violent) heteronormative spaces.

Sandiswa shares how a solidarity economy within the township lesbian social networks operates when one's house becomes a node of community and friendship:

[...] you 'knew' that if you guys were hosting you must provide everything for these guys [...] you know you have to pop up something for the guys that don't work, so that's how it is in the township. (Interview with Sandiswa).

Thus, both the material site of socialisation (the home), as well as the means to enjoy oneself (the food and the alcohol) were shared. This solidarity economy practised within these private spaces distinguishes them from commercial scenes, as well as the 'bring and share' of more middle class private social scenes in the suburbs.

Lesbians in the study also shared how homes became sites of consciousness raising and political organisation, a queer world making practice directed at changing individual awareness, building support and solidarity and a more political collective consciousness as lesbians and heterosexual women. Jay, the coloured woman in her thirties whom we met earlier, says during the early nineties, while she was in her late teens, she met a large network of relatively older lesbians who would socialise in Angels (the already mentioned lesbian bar in Green Point from the 80s and 90s). She shares how they would also get together outside of the clubbing space, gathering at somebody's home to talk about:

all the issues that they encounter, and...gay bashings, where not to go, to go out in groups and...discussions about...your rights as a woman, and, choices that you can make, and things like that you know. And experiences that they've gone through. (Interview with Jay).

Jay notes that it was an eye opening experience for her, broadening her political and social understanding of herself and her positionality as a coloured lesbian. She also mentions how this group would establish safe houses in

Constructions of Home: the Politics of Lesbian World Making in Cape Town

different areas for women to seek refuge if they found themselves in times of trouble. She talks about this experience as “a discovery of other gay women”, a sense of a community. These references to home as a refuge and safe haven, as a space for political awareness raising, bring to mind bell hooks’s ‘homeplace’ (HOOKS, 1990) where she speaks about the role that the home played in black women’s lives, individually and as a community:

We could not learn to love or respect ourselves in the culture of white supremacy, on the outside; it was there on the inside, in that ‘homeplace’, most often created and kept by black women, that we had the opportunity to grow and develop, to nurture our spirits. This task of making a homeplace, of making home a community of resistance, has been shared by women globally, especially black women in white supremacist societies. (HOOKS, 1990, p. 42).

Here the private ‘inside’ of the homeplace functions as a site of resistance, nurturance and protection of the black family (understood to be broader than the immediate nuclear family) from the white supremacist ‘outside’, public world. I would argue that hook’s ‘homeplace’ has a number of common features with the black lesbians’ queer world making in their home spaces. The lesbian homeplace within their queer life worlds offers a place of refuge and protection, where lesbians love and support each other, provide positive affirmation and acceptance of themselves and their sexuality within the context of a broader heteronormative society. In bringing together a collective, they make a home for a community of resistance. I would argue that this holds true even if the function of the gatherings and collective come together in order to ‘have fun’. These collective gatherings, in the homeplace, function as refuge and safe places, as protection, for a community of lesbians who gather as lesbians, for lesbians. In this way, they become collective sites of resistance to heteronormativity.

Conclusions

This article has discussed how the lesbians in the study are engaged in a politics of belonging (YUVAL DAVIS, 2006) in order to make Cape Town home, and how their homes have also functioned as a homeplace (HOOKS, 1989).

The affective emotional landscapes of Cape Town revealed in the lesbian narratives materialise the variegated ways in which the sociality of race, class, gender performance, age, amongst other factors, shapes how lesbians construct their individual and collective queer life worlds. Making home and feeling at home in Cape Town are influenced by the participants’ social contexts, and their agency as social actors as they navigate everyday space from their positionalities of race, class, age and gender performance, amongst other factors. These have been discussed through the modes of ‘embedded lesbianism’ which rework notions of belonging within black communities. This embedded lesbianism speaks to the creation of a contingent sense of feeling ‘at home’ in Cape Town in historically black areas - countering the dominant

Constructions of Home: the Politics of Lesbian World Making in Cape Town

narrative of 'black homophobia'. Homonormative performances of lesbianism rework a middle class whiteness (BÉRUBE, 2001; FRAKENBERG, 1993) and the mode of borderlands (ANZALDÚA, 1987) speak to some participants' experiences of liminality as they move through and in communities as the designated 'other'.

Constructions of lesbian communities through the creation of lesbian scene space, and through their everyday use of their homes as sites of refuge, identity construction and collective community building contribute to a fractured belonging in Cape Town. These queer life worlds overlay, complement and contradict official Pink Maps of Cape Town (RINK, 2013) and rework the meaning of Cape Town in its representation as the gay capital of South Africa. Through the occupation of ephemeral and contingent public space they reveal the 'lesbian place' in Cape Town that Leap (2005) was unable to find, a lesbian place that is dispersed through the nodes of connectivity and community throughout the racialised landscape of the city.

The home plays an important role in the construction and consolidation of lesbian identity, community and belonging. This 'stretching' of their homes for what Gorman-Murray (2006) refers to as 'unhomely' practices (read non-heteronormative), refers to how domestic spaces are reconfigured as "an unequivocal homosexual site [...] usually not associated with the concept of 'homely'" (JOHNSTON; LONGHURST, 2010, p. 47). Homes become 'stretched' through the reconfiguring of domestic space to a site of lesbian identity construction and community building, political education and organisation, and public consumption. Ultimately, homes become a 'homeplace' (hooks, 1990), sites of collective resistance to patriarchal heteronormativity.

However, although these home spaces speak to queer bonds (WEINER & YOUNG, 2011) and to another social ontology through writing an alternative code of entanglements and connectivities (BUTLER, 2015), at the end of the day, they remain sites of fractured belonging due to their interstitial and ultimately private nature.

There is no singular notion of lesbian identity, nor is there a utopian notion of a lesbian community (BUCKLAND, 2002). Queer life worlds are produced within everyday lives embodied in particular moments and mostly heteronormative contexts. They are ephemeral and contingent. The wide ranging place making practises of the participants reveal the racialised, classed and gendered nature of their queer world making and life worlds. Their narratives reveal contrasting and competing narratives of the city, demonstrating how Cape Town is experienced as a hybrid space, a place of multiple contradictions, simultaneously positioned as a site of personal realisation, sexual liberation and diversity, and exclusion, division and oppression.

Referências / References

AHMED, S. **Strange Encounters**: Embodied others in post-coloniality. London: Routledge, 2000.

ANDREWS, M. Opening to the Original Contributions: Counter-narratives and the power to oppose. In: BAMBERG, M.; ANDREWS, M. (Eds.). **Considering Counter-Narratives**: Narrating, resisting, making sense. Studies in Narrative Series. v. 4. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2004. p. 1-6.

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera**: The New Mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BAMBERG, M.; ANDREWS, M. Considering Counter-Narratives: Narrating, resisting, making sense. **Studies in Narrative Series**. v. 4. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2004.

BERLANT, L.; WARNER, M. Sex in Public. **Critical Inquiry**, v. 24, n. 2, p. 547-566, 1998.

BÉRUBÉ, A. How Gays Stay White and What Kind of White it Stay. In: RASMUSSEN, B.; KLINENBERG, E.; NEXICA, I.; WRAY, M. (Eds.). **The Making and Unmaking of Whiteness**. United States of America: Duke University Press, 2001. p. 234-265

BOONZAIER, F.; ZWAY, M. Young Lesbian and Bisexual Women Resisting Discrimination and Negotiating Safety: A photovoice study. **African Safety Promotion Journal**, v. 13, n. 1, p. 7-29. 2015.

BROWNE, K.; FERREIRA, E. (Eds.). **Lesbian Geographies**: Gender, Place and Power. London and New York: Routledge, 2015.

BUCKLAND, F. **Impossible Dance**: Club Culture and World-Making. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 2002.

BUTLER, J. **Senses of the Subject**. United States of America: Fordham University Press, 2015.

CHETTY, D. R. A drag at Madame Costello's: Cape moffie life and the popular press in the 1950s and 1960s. In: GEVISSER, M.; CAMERON, E. (Eds.). **Defiant Desire**: Gay and Lesbian Lives in South Africa. Johannesburg: Ravan Press, 1994.

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

Constructions of Home: the Politics of Lesbian World Making in Cape Town

DE ROBILLARD, B. The question of ‘the black lesbian’: monstrous, ideal and fictitious postapartheid citizen. **Safundi: The Journal of South African and American Studies**, v. 17, n.1, p. 20-39. 2016.

DLAMINI, B. Homosexuality in the African Context. **Agenda, Empowering women for Gender Equity**, n. 67, p. 128–136, 2006.

DUGGAN, L. The New Homonormativity: The Sexual Politics of Neoliberalism. In: CASTRONOVO, R.; NELSON, D. (Eds.). **Materialising Democracy: towards a revitalized cultural politics**. Durham, NC: Duke University Press, 2002. p. 175–194.

ELDER, G. Love for sale: Marketing gay male p/leisure space in contemporary Cape Town, South Africa. In: NELSON, L.; SEAGER, J. (Eds.). **A Companion to Feminist Geography**. London: Blackwell, 2004. p. 578-589.

FOUCAULT, M. **The History of Sexuality**. V. 1. New York: Vintage Books, 1978.

FRANKENBURG, R. **White Women, Race Matters: The Social Construction of Whiteness**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

GEVISSER, M.; CAMERON, E. (Eds.). **Defiant Desire: Gay and Lesbian Lives in South Africa**. Johannesburg: Ravan Press, 2004.

GONTEK, I. **Sexual Violence Against Lesbian Women in South Africa**. 2007. Thesis (Masters in African Studies.) Cologne: University of Cologne.

GORMAN-MURRAY, A. Gay and Lesbian Couples At Home: Identity work in domestic space. **Home Cultures**, v. 3, n. 2, p. 145–168. 2006.

GUNKEL, H. **The Cultural Politics of Female Sexuality in South Africa**. New York and London: Routledge, 2010.

HILL-COLLINS, P.; BILGE, S. **Intersectionality**. Cambridge: Polity Press, 2016.

HOLLAND-MUTER, S. **Outside the Safety Zone: An agenda for research on violence against lesbian and gender-nonconforming women in South Africa**. Johannesburg: MaThoko’s Books, 2013.

_____. **Negotiating normativities: Counter narratives of lesbian queer world making in Cape Town**. 2018. Thesis (Doctorate in Humanities, Sociology), University of Cape Town, Cape Town.

HOOKS, b. **Talking back : thinking feminist, thinking black**. Boston, MA: South End Press, 1989.

_____. Yearning: **Race, gender and cultural politics**. Boston MA: Southend Press, 1990.

JUDGE, M. **Violence against lesbians and (im)possibilities for identity and politics**. 2015. Thesis (Doctorate in Women's and Gender Studies), University of Western Cape, Cape Town.

JOHNSTON, L.; LONGHURST, R. **Space, Place and Sex: Geographies of Sexualities**. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 2010.

JOHNSTON, L.; VALENTINE, G. Wherever I lay my girlfriend, that's my home: the performance and surveillance of lesbian identities in domestic environments. In: BELL, D.; VALENTINE, G. (Eds.). **Mapping Desire: Geographies of Sexualities**. London: Routledge, 1995. p. 88-104.

KOWEN, D.; DAVIS, J. Opaque Young Lives: Experiences of lesbian youth. **Agenda: Empowering women for gender equity**, n. 67, p. 80-92, 2006.

LEAP, W. Finding the Centre: Claiming gay space in Cape Town'. In: VAN ZYL, M.; STEYN, M. (Eds.). **Performing Queer: Shaping Sexualities 1994-2004**. v. One. Roggebaai: Kwela Books, 2005.

LEWIS, D. Representing African Sexualities. In: TAMALE, S. (Ed.) **African Sexualities: A Reader**. Cape Town, Dakar, Nairobi and Oxford: Pambazuku Press, an imprint of Fahamu, 2011.

LEWIS, J.; LOOTS, F. Moffies en manvroue: Gay and lesbian life histories in contemporary Cape Town. In: GEVISSER, M.; CAMERON, E. (Eds.). **Defiant Desire: Gay and lesbian lives in South Africa**. New York: Routledge, 1995. p. 140-150.

LIVERMON, X. Queer(y)ing Freedom: Black queer visibilities in Post-apartheid South Africa. **GLQ**, v. 18, n. 2-3, p. 297-323, 2012.

MARTIN, A.; KELLY, A.; TURQUET, L.; ROSS, S. **The rise of 'corrective rape' in South Africa**. London: Action Aid. Available <<https://bit.ly/2RM33eJ>> Accessed 2009.

MASON, G. Being Hated: Stranger or Familiar?. **Social & Legal Studies**, v. 14, n. 4, p. 585-605. 2005.

MATEBENI, Z. Intimacy, **Queerness, Race**. **Cultural Studies**, v. 27, n. 3, p. 404-417, 2013a.

_____. Deconstructing violence Towards black lesbians in South Africa. In: EKINE, S.; ABBAS, H. (Eds.). **Queer African Reader**. Oxford, England: Pambazuka Press, 2013b.



_____. Death and the modern black lesbian”. In: KHADIAGALA, G. M.; NAIDOO, P.; PILLAY, D.; SOUTHALL, R. (Eds.). **New South African Review 4: A fragile democracy – twenty years**. South Africa: Wits University Press, 2014.

McCALL, L. The complexity of intersectionality. **A Journal About Women in Culture and Society**, v. 30, n. 3, p. 1771-1800. 2005.

MKHIZE, N.; BENNETT, J.; REDDY, V.; MOLETSANE, R. **The Country We Want To Live In: Hate crimes and homophobia in the lives of black lesbian South Africans**. Cape Town: HSRC Press, 2010.

MORAN, L.; SKEGGS, B.; TYRER, P.; CORTEEN, K. **Sexuality and the Politics of Violence and Safety**. London and New York: Routledge Taylor and Francis Group, 2004.

MOREAU, J. **Becoming Citizens: Lesbian Organizing and the Public Sphere in South Africa and Argentina**. Thesis. 2013. (Doctorate in Political Science, Department of Political Science). McGill University, Montreal, Canada.

MORRISSEY, M. E. Rape As A Weapon of Hate: Discursive constructions and material consequences of black lesbianism in South Africa. **Women’s Studies in Communication**, v. 36, p. 72–91. 2013.

MUÑOZ, J. E. **Disidentifications: Queers of Color and the Performance of Politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

_____. **Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity**. New York: New York University Press, 2009.

MUNRO, B. **South Africa and the Dream of Love to Come: Queer sexuality and the struggle for freedom**. London: University of Minnesota, 2012.

PEACE, R. Producing lesbians: canonical proprieties. In: BELL, D.; Binnie, J.; Holliday, Ruth; Longhurst, Robyn. (Eds.) **Pleasure Zones: Bodies, cities, spaces**. Syracuse University Press, New York, 2001. p. 29-54.

RINK, B. Que(e)rying Cape Town: Touring Africa’s ‘Gay Capital’ with the pink map. In: SARMENTO, J.; BRITO-HENRIQUES, E. (Eds.). **Tourism in the Global South: Landscapes, identities and development**. Lisbon: Centre for Geographical Studies, 2013. p. 65-90.

ROTHENBERG, T. And she told two friends: Lesbians creating urban social space. In: Bell, D.; Valentine, G. (Eds.). **Mapping Desire: Geographies of sexualities**. London: Routledge, 1995. p. 165-181.

SALO, E.; RIBAS, M.; LOPES, P.; ZAMBONI, M. Living our lives on the edge: Power, space and sexual orientation in Cape Town Townships, South



Africa. **Sexuality Research and Social Policy**, v. 7, p. 298–309. 2010.

SANGER, N. **Safely Queer on the Urban Peripheries of Cape Town: A comparative study exploring how ‘class’ and space mediate sexual identities for gender non-conforming youth on the urban peripheries of Cape Town in South Africa.** Cape Town: Human Sciences Research Council, 2013.

SANGER, N.; CLOWES, L. Marginalised and Demonised: Lesbians and Equality – perceptions of people in a local Western Cape community. **Agenda, Empowering Women for Gender Equity**, v. 67, p. 36–47. 2006.

SCOTT, J. **The evidence of experience.** *Critical Inquiry*, v. 17, n. 4, p. 773-797, 1991.

SWARR, A. Paradoxes of Butchness: Lesbian masculinities and sexual violence in contemporary South Africa. **Journal of Women in Culture and Society**, v. 37, p. 961–988. 2012.

TUCKER, A. **Queer Visibilities: Space, identity and interaction in Cape Town.** London: Blackwell, 2009a.

_____. Framing exclusion in Cape Town’s gay village: the discursive and material perpetration of inequitable queer subjects”. **Area**, v. 41, n. 2, p. 186-197. 2009b.

VISSER, G. Gay men, leisure space and South African cities: the case of Cape Town’. **Geoforum**, v. 34, n. 1, p. 123-137. 2003.

_____. Gay Men, Tourism and Urban Space: Reflections on Africa’s ‘gay capital’. **Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment.** v. 5, n. 2, p. 168–189. 2010.

WARNER, M. Introduction. In: WARNER, M. (Ed.). **Fear of a queer planet: Queer politics and social theory.** Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1993. p. 7-31.

WEINDER, J.; YOUNG, D. Queer Bonds: An Introduction. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies.** v. 17, n. 2-3, p. 223-241. 2011.

YUVAL DAVIS, N. Belonging and the politics of belonging. **Patterns of Prejudice**, v. 40, n. 3, p. 197–214. 2006.

Recebido em 09 de Junho 2018.

Aceito em 15 de Setembro de 2018.

Received in June 09, 2018.

Accept in September 15, 2018.

Susan Holland-Muter

